

Ação no Capitólio deixou 5 mortos

Pedido impeachment de Donald Trump por tentar golpe fascista

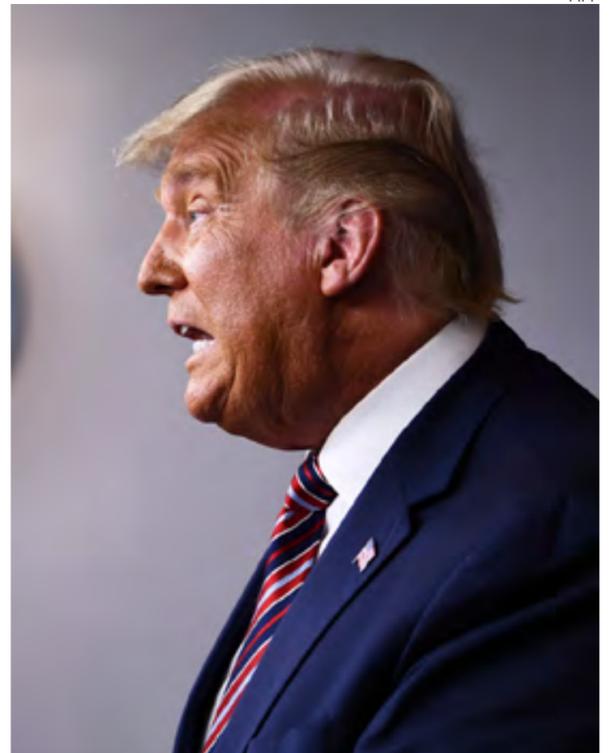
Merkel, Macron, Johnson, Papa: repúdio mundial ao ataque à democracia

Partido Democrata entrou, na segunda-feira (11), com pedido de impeachment de Donald Trump por "incitar a insurreição". A invasão do Congresso norte-americano por turbas fascistas para impedir a certificação da vitória do eleito, Joe Biden, foi repudiada no

mundo inteiro por governos e pela imprensa internacional como "deplorável", "perigoso" e "chocante". O ator Arnold Schwarzenegger comparou a invasão à "Noite dos Cristais" na Alemanha nazista, episódio em que os fascistas invadiram e vandalizaram diversos templos, escolas e lojas judaicas. **Pág. 7**

Reprodução iTV News

AFP



Trumpista fez apologia ao campo de extermínio nazista de Auschwitz, na invasão do congresso americano

HORA DO POVO
ANO XXXI - Nº 3.789 13 a 19 de Janeiro de 2021



Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Maryanna Oliveira - Câmara



"Bolsonaro é covarde", afirma Maia

O presidente da Câmara, deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ), escreveu nas redes sociais que "Bolsonaro é covarde" em reação a uma matéria publicada na coluna Radar, da revista Veja, dizendo que o presidente "culpa [o ministro Eduardo] Pazuello por perda de popularidade e atraso da vacina": a Covid-19 "baqueou Pazuello" e que "ele não dá conta de mais nada". **P. 3**

Governo de São Paulo cogita antecipar início da vacinação

Reprodução Pinterest



Economia tem um retrocesso atrás do outro, com destruição da indústria e renda

Fim do auxílio vai deixar 17 milhões na pobreza extrema

Com o fim do auxílio emergencial em dezembro, mais 3,4 milhões de pessoas poderão ser lançados na pobreza extrema este ano. Isso significa que 17 milhões de brasileiros estarão nessa situação já em

janeiro. Um número maior do que o verificado em 2019, antes da pandemia da Covid-19, segundo o pesquisador Vinícius Botelho da Fundação Getúlio Vargas. De acordo com o Banco Mundial, na pobreza extrema

estão aqueles que sobrevivem com menos de US\$ 1,90 por dia (cerca de R\$ 10). Para o economista Daniel Duque, do Ibre/FGV, a extrema pobreza pode até dobrar no Brasil no início deste ano 2021. **Página 2**

O governador de São Paulo, João Doria, afirmou nesta segunda-feira (11), durante entrevista coletiva, que pode antecipar a vacinação contra o novo coronavírus no estado - prevista para ser iniciada no dia 25 - ao cobrar que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária

(Anvisa) conclua a análise do pedido de uso emergencial da CoronaVac. "Respeito pela ciência, pelos estudos, pela Anvisa, mas respeito, sobretudo, pela vida. Não podemos nos esquecer de que o Brasil está perdendo mil vidas todos os dias", afirmou Doria. **Pág. 4**

Presidente da Frente Parlamentar Agropecuária declara apoio a Rossi

O deputado Alceu Moreira (MDB-RS), presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária, declarou apoio ao deputado Baleia Rossi (MDB-SP) à presidência da Câmara dos Deputados. "Baleia é extrema-

mente qualificado para o diálogo com qualquer partido, o que é imprescindível para levar à frente as pautas que o País precisa. E isso em nada tem a ver com apoio a pautas da esquerda como muitos dizem", disse. **P. 3**

Justiça restabelece gratuidade para idosos em ônibus e Metrô de SP

Os idosos entre 60 e 64 anos terão o seu direito de utilizar o transporte gratuitamente na cidade de São Paulo restabelecido. Na sexta-feira (8), a Justiça determinou a

manutenção da gratuidade no transporte municipal aos idosos com idade entre 60 e 64 anos. Na véspera, a Justiça também derrubou o decreto do governador. **Página 4**

Corinthians, São Paulo, Vai-Vai e Gaviões colocam estruturas à disposição para a vacinação

O presidente do Corinthians, Duílio Monteiro Alves, afirmou que a Arena Itaquerã ficará à disposição dos órgãos de saúde de São Paulo para ser utilizado como centro de vacinação contra o novo coronávi-

rus. O mesmo gesto fizeram o clube São Paulo e as escolas de samba Vai-Vai e Gaviões da Fiel. Duílio disse que quer transformar o estádio em "um ponto de imunização em massa da Zona Leste de SP". **Pág. 4**

Ford demite milhares e encerra produção no Brasil

Pág. 2

Inadimplência na conta de luz volta a crescer

Com o aumento das tarifas de energia elétrica, num cenário de desemprego recorde e fim do auxílio emergencial, a inadimplência na conta de luz voltou a crescer nos últimos meses do ano passado. De acordo com o Boletim de Monitoramento Covid-19, divulgado no início desta semana (4) pelo Ministério de Minas e Energia (MME), em novembro a inadimplência ficou em 5,22%, contra uma média de 3,75% de janeiro a outubro e uma média mensal de 1,93% em todo o ano de 2019.

Mesmo com uma situação de carestia nos preços dos alimentos e do aluguel, com o desemprego afetando 14,1 milhões de pessoas no país, o governo permitiu que a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) reativasse o sistema de bandeiras tarifárias no fim do ano passado. Ela começou a valer em dezembro, com a bandeira vermelha patamar 2, e, em janeiro, a Aneel determinou bandeira amarela.

Durante a pandemia, os cortes por falta de pagamento nas contas de luz ficaram suspensos pela Aneel entre março e julho. Agora, as empresas estão liberadas para cortarem a luz dos consumidores.

Em consequência do corte no auxílio emergencial, de R\$ 600 para R\$ 300, pelo governo, em setembro, a inadimplência na conta de luz que figurava na casa dos 0,76% em agosto, passou para 1,21% em setembro, 2,19% em outubro e chegou a 5,22% em novembro. Com o fim da ajuda financeira que trouxe certo alívio à renda das famílias durante a pandemia, a inadimplência na conta de luz deve disparar nos próximos meses. Ao todo, cerca de 59 milhões de pessoas deixaram de receber ajuda emergencial a partir de janeiro.

As distribuidoras, na maioria estrangeiras, que não investem em expansão e modernização do sistema elétrico e oferecem serviços de péssima qualidade – vide o apagão do Amapá, além das tarifas extorsivas, alegam que foram as maiores prejudicadas pela pandemia da Covid-19.

Além de pedidos de revisão tarifária extraordinária, as concessionárias estão cobrando do governo “compensações financeiras” por causa da pandemia. O tema está há meses em discussão na Aneel e, em meados de dezembro, a agência abriu uma terceira fase da consulta pública sobre o assunto, que terminará em 1º de fevereiro. A conta, no final, será mais uma vez repassada para o consumidor.

Fim da renda emergencial lançará 17 milhões na pobreza extrema



Fila na Caixa para receber o auxílio emergencial que só foi pago este ano



Falta de credibilidade de Bolsonaro leva até Ford a cair fora do Brasil

Com a crise econômica agravada no governo Bolsonaro, a montadora americana Ford anunciou, nesta segunda-feira (11), que irá encerrar a sua produção de veículos no Brasil este ano, mas continuará atuando na Argentina e no Uruguai. Em 2019, a multinacional já havia encerrado sua produção em São Bernardo do Campo, no ABC paulista.

Através de um comunicado, a Ford informou que vai fechar imediatamente, neste ano, suas fábricas em Camaçari (BA), onde produz os modelos EcoSport e Ka, e em Taubaté

(SP), em que produz motores. Sua unidade em Horizonte (CE), onde são montados os jipes da marca Troller, será fechada no final do quarto trimestre de 2021. De acordo com a empresa, 5 mil trabalhadores serão demitidos no Brasil e na Argentina.

“As operações de manufatura na Argentina e no Uruguai e as organizações de vendas em outros mercados da América do Sul não serão impactadas”, disse a empresa em seu site.

A Ford afirmou que sua decisão foi tomada “à medida em que a pandemia de Covid-19 amplia

a persistente capacidade ociosa da indústria e a redução das vendas, resultando em anos de perdas significativas”.

A empresa disse, ainda, que manterá no Brasil seu Centro de Desenvolvimento de Produto (BA), e o campo de provas e sua sede administrativa para a América do Sul, ambos no estado de São Paulo.

Para o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, “o fechamento da Ford é uma demonstração da falta de credibilidade do governo brasileiro”, escreveu, em seu Twitter.

Inflação dos mais pobres tem alta de 6,3% em 2020

Alimentos para famílias de

O Índice de Preços ao Consumidor – Classe 1 (IPC-C1) divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), nesta quinta-feira (7), acumulou alta de 6,30% em 2020. O IPC-C1 mede a variação de preços de produtos e serviços para famílias com renda entre um e 2,5 salários mínimos.

Na passagem de novembro para dezembro, a alta do índice que mede a inflação para as famílias de menor renda

baixa renda acumulam aumento de 15,37%, diz FGV e Transportes (1,86%). Apenas Vestuário recuou (-0,36%).

Quanto menos renda mais impactante é o aumento dos preços dos alimentos nas despesas das famílias que não pararam de subir em plena pandemia da Covid-19.

Em 2019, a inflação dos mais pobres acumulou 4,60% de aumento, ou seja, de um ano para o outro a inflação subiu 37%. É a maior alta anual desde 2016.

Para Simpi, não há cenário de otimismo à vista

O Boletim de Tendências das Micro e Pequenas Empresas do Estado de São Paulo, com os dados da primeira quinzena de dezembro, mostra que para 60% dos empresários a crise provocada pela pandemia da Covid-19 ainda é muito forte, afeta muito os negócios e, nesse momento, não há como prever quando a economia irá se recuperar.

Uma parcela de 34% dos pesquisados está mais otimista e acredita que haverá uma recuperação da economia já nos próximos meses. “Tomara que o otimismo se concretize, mas não vejo dado econômico que permita construir esse cenário”, declarou o presidente do Sindicato das Micro e Pequenas Indústrias de São Paulo (Simpí), Joseph Couri.

“Vejo o ano com preocupação. De setembro para cá, começamos a ver forte alta em preços, mais indústrias sofrendo com falta de matéria-prima e atraso na entrega”, ressaltou Joseph

Couri. “Vemos que o desabastecimento vem ocorrendo no resto do mundo. A diferença é que outros países conseguem priorizar suprimentos no mercado interno. Aqui, infelizmente, estamos tendo problema de crédito e o reflexo disso na produção”, afirmou.

Segundo a pesquisa, 77% das empresas não estão tendo acesso a crédito durante a crise para se manter funcionando. Há empresas que conseguiram crédito no começo da crise, mas que já se esgotou ao longo dos últimos meses.

Na produção, vários outros problemas estão tirando o sono dos empresários. Na primeira quinzena de dezembro, 93% das micro e pequenas indústrias estavam pagando mais por insumos. Em setembro, eram 84%.

Entre os que relataram falta de materiais, o percentual passou de 54% há pouco mais de três meses. Os atrasos nas entregas afetavam 73% das micro e pequenas indústrias em São

Paulo no final do ano e, em setembro, eram 51%.

O levantamento sobre o funcionamento das empresas informa que apenas 51% declararam estar funcionando normalmente na primeira na quinzena pesquisada. As demais estão com a maior parte paralisada (21%) e com pequena parte das atividades paralisadas (20%). As empresas que estavam com as atividades totalmente paradas eram 5%.

Em relação aos trabalhadores, a pesquisa aponta que 28% operam hoje com menos funcionários do que no início da pandemia. Esse patamar tem sido mantido nos últimos meses.

A pesquisa revela, ainda, que 61% das empresas têm capital de giro no montante exato que precisam e 32% não dispõem de liquidez para fazer o giro de seus negócios. Apenas 6% consideram estar com alguma folga.

A pesquisa com 164 empresas, realizada pelo Datafolha para o Simpi, foi divulgada na terça-feira (5).

Em meio ao recrudescimento da pandemia da Covid e do desemprego recorde, Bolsonaro encerra de uma vez o auxílio emergencial

Com o fim do auxílio emergencial em dezembro, mais 3,4 milhões de pessoas poderão ser lançados na pobreza extrema este ano. Isso significa que 17 milhões de brasileiros estarão nessa situação já em janeiro. Um número maior do que o verificado em 2019, antes da pandemia da Covid-19, segundo o pesquisador Vinícius Botelho da Fundação Getúlio Vargas. De acordo com o Banco Mundial, na pobreza extrema estão aqueles que sobrevivem com menos de US\$ 1,90 por dia (cerca de R\$ 10).

Para o economista Daniel Duque, do Ibre/FGV, a extrema pobreza, que atingiu a casa dos 13,6 milhões de brasileiros, após a redução do auxílio de R\$ 600 para R\$ 300, pode até dobrar no Brasil no início deste ano 2021.

A última parcela do auxílio foi creditada nas contas dos beneficiários no dia 29 de dezembro e os saques derradeiros serão feitos ao longo de janeiro. Em nove meses, foram pagos R\$ 292,9 bilhões para cerca de 67,9 milhões de beneficiários, quatro em cada 10 brasileiros em idade de trabalhar, ou quase um terço da população.

Na prática, o fim do auxílio emergencial tirará R\$ 32,4 bilhões mensais dos brasileiros de baixa renda, segundo dados da Caixa Econômica Federal.

Com o fim das medidas de ajuda emergencial, e sem qualquer política de geração de emprego e renda por parte do governo federal, se depender do

governo, os “invisíveis” apontados pelo ministro Paulo Guedes continuarão na miséria e no abandono, particularmente nas regiões Norte e Nordeste, onde o desemprego é alto e a há muita informalidade.

Com o desemprego recorde, a inflação dos alimentos, na conta de luz, gás de cozinha, nos remédios e nos transportes públicos, nos estados do Sudeste, por exemplo, cerca de 38,44% do total pago via auxílio emergencial, R\$ 112,6 bilhões, vão deixar de entrar no bolso de 26,4 milhões de brasileiros de baixa renda.

Se os efeitos do fim do auxílio emergencial para a indústria, o comércio e o setor de serviços serão desastrosos, para aqueles que vivem na informalidade, de bicos, ou estavam desempregados a situação é dramática.

“Com o fim do auxílio emergencial em dezembro, muitos consumidores voltaram a buscar emprego e encontraram dificuldade de retornar ao mercado de trabalho com baixas perspectivas de melhora significativa no curto prazo”, afirma Rodolpho Tobler, economista do FGV Ibre.

Diante do negacionismo de Bolsonaro frente ao recrudescimento da pandemia e ao agravamento da crise econômica, com o aumento do desemprego e empresas encerrando suas atividades, parlamentares, empresários e sindicalistas defendem a retomada do auxílio emergencial enquanto durar a pandemia.

Parlamentares defendem a volta da renda emergencial

Em meio aos recortes diários de novos casos da Covid-19 nas últimas semanas, e mortes pela doença, que já ultrapassam a marca de 200 mil no país, parlamentares estão se mobilizando pela retomada do auxílio emergencial.

A renda emergencial, aprovada pelo Congresso Nacional, que permitiu que 68 milhões de brasileiros enfrentassem a crise econômica agravada pela pandemia encerrou em dezembro e milhões de famílias iniciaram o ano sem renda em meio ao desemprego recorde a ao recrudescimento da Covid.

Na quarta-feira (6), ao lançar oficialmente sua candidatura à presidência da Câmara dos Deputados, o deputado Baleia Rossi (MDB/SP) defendeu a necessidade de “buscar uma solução: ou aumentar o Bolsa Família ou o auxílio emergencial”.

“Ano passado parecia que íamos virar o ano e a pandemia ia acabar. Essa não é a realidade. Hoje temos milhões de brasileiros que vão deixar de receber o auxílio e voltar a ter dificuldade do mais básico, que é ter alimento na sua mesa”, destacou. “Por que não voltar a debater o auxílio emergencial?”, defendeu.

Sem emprego, sem renda e com os preços explodindo, a pressão sobre o governo só aumenta. Por outro lado, Bolsonaro continua negando o agravamento da crise e da pandemia: “temos que ter responsabilidade fiscal”, “estamos no finalzinho da pandemia”, e “a economia está crescendo em V”, além de fazer de tudo para atrasar a vacinação da população brasileira.

No entanto, deputados e senadores mais uma vez tomaram a iniciativa, que

deveria ser do chefe de Estado, e já articulam uma sessão extraordinária do Congresso Nacional, em meio ao receso parlamentar, para discutir, além de um novo auxílio emergencial, o processo de vacinação contra a Covid-19 e a extensão das medidas da Lei de Estado de Calamidade Pública, que se encerraria em 2020, mas não expirou por decisão liminar concedida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Ricardo Lewandowski, garantindo assim a aquisição de equipamentos, a compra de vacinas nos estados e a contratação de profissionais de saúde na pandemia.

Para o senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE), que apresentou o requerimento para a convocação extraordinária, que já circula nas Casas Legislativas, “é muito clara a necessidade de prorrogação do auxílio emergencial e do estado de calamidade, uma vez que a pandemia persiste, inclusive mais grave, e a gente está muito longe de um programa de vacinação nacional que gere efeito de imunidade”.

Diante desse quadro de calamidade, até o deputado Arthur Lira (PP/AL), que também disputa a presidência da Câmara, aderiu à defesa de um programa social, mas sem entrar em choque com Bolsonaro que o apoia.

“Precisamos cuidar dos mais pobres reorganizando os programas de renda mínima sem abrir mão da austeridade fiscal e do teto de gastos”, disse Lira, afirmando seu compromisso com o arrocho fiscal e a garantia da transferência de recursos públicos, da saúde, da educação, da segurança, para os bancos.

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br

HP

HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio, 67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo-SP
E-mail: horadopovo@uol.com.br
C.N.F.J. 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000
Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBICS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hrj@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317
E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barroso/Passagem Ana Deusa, 140 Curió-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.
www.horadopovo.com.br



Jean Gorinchteyn, secretário de Saúde de SP

“Causa estranhamento as exigências da Anvisa para o Butantan”, diz secretário

O secretário estadual da Saúde de São Paulo, Jean Gorinchteyn, disse na noite de sábado (9) que causa “estranhamento” os requisitos da Anvisa no processo de aprovação para uso emergencial da vacina CoronaVac, desenvolvida pelo Instituto Butantan em parceria com o laboratório chinês Sinovac.

Há uma preocupação, por parte do secretário, de que a Anvisa possa estar novamente sendo instrumentalizada indevidamente pelo Planalto para fins menores, em detrimento da urgência para salvar a vida dos brasileiros.

“O instituto Butantan passou dossiê para a Anvisa com 10 mil páginas. Dessas constam todos os dados de todos os voluntários envolvidos. O que me causa um espanto tremendo [uma solicitação de documentos que faltam], disse o secretário, em entrevista à GloboNews.

“Isso faz parte dos registros do cabeçalho antes de iniciar cada um dos estudos. Sabemos quais são os requisitos, quem confere a vacina e quem confere o placebo”, afirmou o secretário.

“Foi esse estudo que fez com que o escritório independente que analisou esses dados pôde checar como resultado de eficácia, sabendo quem confere e quem não confere a vacina. Se eu tenho um comitê internacional independente, extremamente rigoroso, que conseguiu analisar... Ora, gera questionamento”, acrescentou.

O governador João Doria (PSDB) também advertiu contra a demora na análise do pedido. “Ritos da ciência devem ser respeitados, mas devemos lembrar que o Brasil perde cerca de mil vidas por dia para a Covid-19. Com a liberação da Anvisa, milhões de vacinas que já estão prontas poderão salvar vidas”, disse ele através de seu twitter.

O doutor Jean Gorinchtey seguiu alertando. “O Instituto Butantan tem 120 anos de história, [projetos de] cunhos científicos voltados principalmente ao desenvolvimento de vacinas, com trabalhos de grandes especialistas em medicina e ciência. Esses dados são o mínimo do que posso saber. E quando isso vem à tona, a população pode falar: ‘pera aí, isso que é básico não está vindo, vou questionar a credibilidade desse estudo’. Isso é inafiançável. Quando colocamos isso em xeque, é muito grave no ponto de vista comunitário”.

O pedido de uso emergencial do Butantan foi feito pela manhã de sexta-feira (8), pouco antes de uma reunião com a Anvisa. As 22h da mesma sexta-feira, o instituto adicionou informações dos estudos. Ontem, o governo de São Paulo informou que a vacina tem eficácia de 78% para infecção e 100% para evitar casos graves e mortes pela Covid-19.

Diante dos pedidos, o Butantan, em nota, comunicou que tudo está “sendo prontamente atendido” e que continua a fornecer os dados solicitados. “O fato de a Anvisa solicitar mais informações, que estão sendo prontamente atendidas pelo Butantan, não afeta o prazo previsto para autorização de uso do imunobiológico”, informou.

São Paulo já tem um estoque de 10,8 milhões de doses da CoronaVac que foram importadas da China e aguarda apenas a aprovação do registro emergencial da Anvisa para iniciar a vacinação da população paulista. O governo já marcou a data de 25 de janeiro para começar a campanha, podendo até mesmo antecipá-la, se a Anvisa não demorar em sua análise.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) pediu autorização para uso emergencial também na mesma sexta-feira (8) da vacina de Oxford, desenvolvida em parceria com o laboratório AstraZeneca. A vacina da AstraZeneca foi a única aposta do governo Bolsonaro, já que ele se declarou publicamente contra a compra da vacina do Butantan e não encomendou nenhuma outra.

O problema do governo é que essa vacina da AstraZeneca ainda não chegou ao Brasil e não tem data para chegar. Está na dependência de uma importação de 2 milhões de doses do Instituto Serum, da Índia. Foi por isso que o Planalto recuou da recusa na compra da CoronaVac, mas gostaria que a sua vacina chegasse primeiro.

Um possível atraso deliberado na aprovação do uso emergencial da CoronaVac, para atender interesses políticos, seria um desastre em termos de saúde pública, é a preocupação de autoridades sanitárias e do governo de São Paulo.

Texto na íntegra em www.horadopovo.com.br

Golpe fracassado de Trump só teve apoio de Bolsonaro



Hugo Barreto

Todos no mundo inteiro repudiaram o golpe trumpista, menos Bolsonaro

“Bolsonaro é covarde”, afirma Maia

O presidente da Câmara, deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ), escreveu nas redes sociais que “Bolsonaro é covarde” em reação a uma matéria publicada na coluna Radar, da revista Veja, dizendo que o presidente “culpa [o ministro Eduardo] Pazuello por perda de popularidade e atraso da vacina”.

O texto da revista diz que durante reunião ministerial, Bolsonaro teria dito “meio brincando, meio à vera”, que a Covid-19 “baqueou Pazuello” e que “ele não dá conta de mais nada”.

Diz ainda que o clima para o ministro só melhorou após ter atacado a imprensa durante coletiva para detalhamento sobre a medida provisória da vacina.

“Bolsonaro, como se sabe, costuma preservar os auxiliares até o momento em que a coisa começa a prejudicar a sua popularidade”, conclui a nota da revista.

Em outra postagem,

Presidente da Frente Parlamentar Agropecuária declara apoio a Rossi

O deputado Alceu Moreira (MDB-RS), presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária, declarou apoio ao deputado Baleia Rossi (MDB-SP) à presidência da Câmara dos Deputados.

“Baleia é extremamente qualificado para o diálogo com qualquer partido, o que é imprescindível para levar à frente as pautas que o País precisa. E isso em nada tem a ver com apoio a pautas da esquerda como muitos dizem”, escreveu Alceu Moreira no Twitter.

Ao Estadão, Moreira disse que o apoio a Baleia Rossi não é feito em nome da bancada ruralista, mas que a frente vai exigir do candidato o compromisso com pautas nas quais não houve abertura com Rodrigo Maia. “É ruim uma disputa para a Câmara ficar na questão rasa se é a favor do Rodrigo Maia ou a favor do Bolsonaro. Não tenho compromisso com Maia, eu quero as pautas”, declarou.

Ex-esposa acusa Arthur Lira de ameaças e violência: “O medo a segue 24h por dia”

O candidato de Bolsonaro para a presidência da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), foi acusado por sua ex-esposa de ameaças e violência doméstica.

Jullyene Cristine Santos Lins, casada com Arthur Lira por 10 anos, entre 1997 e 2007, pediu proteção à Justiça por conta das ameaças que sofreu do ex-marido.

“O medo a segue 24 horas por dia, pois sabe bem o que o querelado [Lira] é capaz de fazer por dinheiro”, diz um depoimento de Jullyene, documento anexo na ação que move contra o ex-marido por injúria e difamação.

Jullyene conta que Arthur Lira não insulta apenas ela, “mas também tenta diuturnamente promover o afastamento familiar dos filhos, principalmente o mais novo, com discursos de ódio e chantagens emocionais”.

Para ela, o objetivo do

Rodrigo Maia responsabiliza Bolsonaro pelas mortes da Covid-19. “Bolsonaro: 200 mil vidas perdidas até agora. Você tem culpa”.

Mais tarde, em entrevista à coluna Painei, do jornal Folha de S. Paulo, Maia disse que “está na hora de todo mundo colocar de forma clara essa indignação” contra a péssima atuação de Bolsonaro no governo.

“Não podemos mais aceitar um ministro que não entende de saúde e um presidente irresponsável que nega o vírus”, continuou.

“Todos estamos cansados disso, desse negacionismo e dessa irresponsabilidade. Está na hora de uma reação forte de todos nós, brasileiros, contra a irresponsabilidade do governo”, finalizou.

Pazuello já foi humilhantemente desautorizado por Bolsonaro quando se comprometeu, em outubro, perante 24 governadores de Estados a adquirir 46 milhões de doses da

vacina CoronaVac, do Instituto Butantan.

Contudo, no outro dia, Bolsonaro desmentiu seu ministro da Saúde e disse que jamais compraria a CoronaVac. Segundo ele, na ocasião, mesmo que a Coronavac, vacina desenvolvida pelo Instituto Butantan em parceria com a empresa chinesa Sinovac, fosse aprovada pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), ele não a compraria. “O povo não será cobaia de ninguém”, disse.

“A (vacina) da China nós não compraremos, é decisão minha. Eu não acredito que ela transmita segurança suficiente para a população. Esse é o pensamento nosso. Tenho certeza que outras vacinas que estão em estudo poderão ser comprovadas cientificamente, não sei quando, pode durar anos”, afirmou Bolsonaro.

A resposta de Pazuello à desautorização de Bolsonaro foi: “É simples assim: um manda e o outro obedece”.

Fazendo eco ao incitamento criminoso de seu guru golpista, Bolsonaro repetiu, sem nenhuma prova, que “houve fraude na eleição americana”

Governantes do mundo inteiro repudiaram a violência dos fascistas que invadiram o Congresso dos EUA na quarta-feira (6) para tentar impedir a proclamação do resultado das eleições.

Só uma pessoa apoiou o vandalismo trumpista. Essa pessoa foi Jair Bolsonaro, que declarou sua simpatia aos atos de selvageria vistos em Washington na quarta-feira.

Fazendo eco ao incitamento criminoso do derrotado presidente dos EUA, ele repetiu, também sem apresentar nenhuma prova, que “houve muita fraude na eleição americana”.

No vídeo gravado na porta do Palácio do Alvorada, Bolsonaro conversa com seguidores e é questionado sobre a situação nos EUA. “Acompanhei tudo. Você sabe que eu sou ligado a Trump, né?”, respondeu ele. “[Existe] Muita denúncia de fraude. Quando eu falo isso, a imprensa diz: ‘Sem provas, presidente Bolsonaro diz que eleição foi fraudada’. Eu acredito que sim, eu acredito que foi [fraudada] descaradamente”, continuou.

Ou seja, Bolsonaro confessou que “está intimamente ligado a Trump” e que, por conta disso, tem que apoiar tudo o que seu guru faça ou pense. Mesmo que o que ele fala seja uma idiotice como esta de tentar um golpe fracassado para se aferrar ao poder.

Sem apresentar qualquer prova, Bolsonaro insistiu que teria havido também fraude na eleição de 2018 no Brasil.

“A minha foi fraudada. Eu tenho início de fraude na minha eleição. Era pra ter ganho no primeiro turno. Ninguém reclamou que votar foi no 13 e que a maquininha não respondia. Mas o contrário sim: quem votava no 17 aparecia [o número 13 nas urnas], mas o contrário, ninguém que votava no 13 aparecia [o número 17] (...) Tinha uma colinha lá no número 7. O pessoal fraudou as maquininhas, sabotou. Mas ninguém botou cola no number 13”, disse ele.

A fala de Bolsonaro mostra que, apesar do vexame do seu padrinho, ele segue aferrado ao trumpismo agonizante. Bolsonaro insiste em não ver que Trump se acabou e que não conta mais nem com o apoio de seu próprio partido.

Sem levar em conta nada disso, ele aponta a seus seguidores como eles devem se comportar diante da derrota eleitoral nas eleições de 2022.

“Se nós não tivermos o voto impresso em 22, uma maneira de auditar o voto, nós vamos ter problema pior que os Estados

Pró-cloroquina e antivacina, indicado por Bolsonaro para a Anvisa é internado na UTI com Covid-19

O negacionista Jorge Luiz Kormann, indicado por Jair Bolsonaro para um cargo de diretor na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), está internado em UTI com Covid-19.

Kormann é tenente-coronel da reserva do Exército e entrou no Ministério da Saúde depois que o médico Nelson Teich pediu demissão por não concordar com o uso da cloroquina. Atualmente, ele é secretário-executivo adjunto no Ministério da Saúde.

Kormann acompanha e interage nas redes sociais com bolsonaristas investigados pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por produzirem fake news e atacarem a Organização Mundial de Saúde (OMS) e suas orientações no combate ao coronavírus.

Ele foi um dos que defendiam um outro “método de contagem” de mortos e infectados para tentar esconder a catástrofe que tem sido a pandemia sob o governo Bolsonaro.

Nas redes sociais, Kormann curte publicações que atacam o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), e a vacina desenvolvida pelo Instituto

Unidos”, ameaçou Bolsonaro, na entrada do Palácio da Alvorada.

Diante das claras ameaças do presidente, o país reage de forma contundente. Por meio de nota, o ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), que também é vice-presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), alertou nesta quinta-feira (7), que “a violência cometida contra o Congresso norte-americano deve colocar em alerta a democracia brasileira”.

“Em outubro de 2022 o Brasil irá às urnas nas eleições presidenciais. Eleições periódicas de acordo com as regras estabelecidas na Constituição e uma Justiça Eleitoral combatendo a desinformação são imprescindíveis para a democracia e para o respeito dos direitos das gerações futuras. Quem desestabiliza a renovação do poder ou que falsamente confronte a integridade das eleições deve ser responsabilizado em um processo público e transparente. A democracia não tem lugar para os que dela abusam”, anotou Fachin.

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Luís Roberto Barroso, já havia alertado no mesmo dia que acontecia a invasão do Capitólio, para a gravidade do que ocorreu nos EUA e disse esperar uma reação forte da sociedade e das autoridades daquele país. “No triste episódio nos EUA, apoiadores do fascismo mostram sua verdadeira face: antidemocrática e truculenta. Pessoas de bem, independentemente de ideologia, não apoiam a barbárie. Espero que a sociedade e as instituições americanas reajam com vigor a essa ameaça à democracia”, completou.

O repúdio ao fascismo por parte das principais lideranças políticas do país, entre elas os presidentes da Câmara e do Senado, Rodrigo Maia (DEM-RJ) e David Alcolumbre (DEM-AP), respectivamente, de governadores e parlamentares de quase todos os partidos, além das fortes advertências dos ministros do STF e a mobilização permanente a sociedade, são a garantia de que o Brasil não permitirá aventuras golpistas como a que ocorreu nos EUA.

O repúdio e as críticas ao apoio de Bolsonaro a Trump é o caminho para barrar o fanatismo lunático tupiniquim, caso ele pense em se aventurar na imitação no Brasil do que fizeram os fascistas americanos nesta quarta-feira (6) em Washington. Criminalizar o incitamento de Bolsonaro agora, certamente, é o melhor caminho para impedir as aventuras no futuro.

S. C.

Mourão afirma que tomará vacina contra Covid porque “é uma questão coletiva”

O vice-presidente Hamilton Mourão disse que “a vacina é para o país como um todo, uma questão coletiva”, e que vai tomá-la.

“Pretendo tomar a vacina dentro da minha vez. Eu sou grupo dois de acordo com o planejamento”, afirmou, na segunda-feira (11).

Mourão ainda complementou dizendo que furaria a fila se fosse para fazer propaganda da vacina. “Não vou furar a fila, a não ser que seja propagandística”, disse.

Para o vice-presidente, “a vacina é para o país como um todo, é uma questão coletiva, não individual. O indivíduo aqui

está subordinado ao coletivo, neste caso”.

O vice-presidente acabou de se recuperar da Covid-19. Ele informou que teve sintomas “pesados” nos primeiros dias, mas que a recuperação a partir do quinto dia foi mais tranquila.

Sua posição em relação à vacinação vai na direção oposta a de Jair Bolsonaro, que já disse que não vai se vacinar porque já foi infectado pelo coronavírus.

Bolsonaro, que não tem medido esforços para sabotar a vacinação no país, questiona a segurança das vacinas dizendo que as pessoas poderiam se tornar jacarés.

Doria pede urgência na Anvisa e diz que SP antecipará vacinação

“Mais de 60 países do mundo estão vacinando, e nós estamos vacilando ao invés de estarmos vacinando. Não faz sentido”, afirmou o governador paulista

O governador de São Paulo, João Doria, afirmou nesta segunda-feira (11), durante entrevista coletiva, que pode antecipar a vacinação contra o novo coronavírus no estado – prevista para ser iniciada no dia 25 – ao cobrar que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) conclua a análise do pedido de uso emergencial da CoronaVac.

“Respeito pela ciência, pelos estudos, pela Anvisa, mas respeito, sobretudo, pela vida. Não podemos nos esquecer de que o Brasil está perdendo mil vidas todos os dias. O senso de urgência, amparado pela ciência, deve prevalecer. Não é razoável que processos burocráticos, ainda que em nome da ciência, se sobreponham à vida”, afirmou Doria.

Desenvolvida pelo laboratório chinês Sinovac e produzida no Brasil em parceria com o Instituto Butantan, a CoronaVac teve seu pedido de uso emergencial submetido à Anvisa, na sexta-feira, 8, mas, no dia seguinte, após uma triagem dos documentos enviados, a agência pediu mais informações para avaliar o pedido.

Mais cedo, em entrevista à Rádio CBN, Doria disse: “Está mantido o prazo de 25 de janeiro. São Paulo iniciará a vacinação em 25 de janeiro e, se possível, até antes. Se houver a liberação da vacina antes, iniciaremos a vacinação antes. Aliás, é o que desejamos para todo o Brasil”.

Durante a coletiva, o governador de São Paulo cobrou a Anvisa, o Ministério da Saúde e o governo federal. “Olhem as perdas que estamos tendo no Brasil. Mais de 60 países do mundo estão vacinando, e nós estamos vacilando ao invés de estarmos vacinando. Não faz sentido. Segundo país em número de mortes, terceiro país em casos, e não começamos a vacinar ainda? Não é razoável, não é aceitável, não é justificável”, afirmou.

“Postegar, adiar e burocratizar para servir a qual interesse? Diante de um país vitimado pela covid e que já perdeu mais de 200 mil vidas. É hora de ter compaixão e colocar sentimento acima de qualquer discussão de ordem política, ideológica e partidária”, disse Doria durante a coletiva realizada no Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo.

PLANO NACIONAL

O governador também cobrou que o Ministério da Saúde apresente mais detalhes sobre o plano nacional de imunização. “Se levar em conta a população, densidade demográfica, está correto. Se levar em conta também o grau de incidência do número de infectados e mortes, correto também. Se levar em conta outros aspectos e não a essencialidade desses, incorreto. Por isso São Paulo mantém o seu programa estadual de imunização com início 25 de janeiro. Qual a data prevista para o programa nacional de imunização? Ninguém é capaz de dizer, porque não há. O governo federal não admite que não tem a data para o início do Programa Nacional de Imunização”, afirmou Doria.

Sobre o plano estadual de vacinação, ele mostrou a celeridade no planejamento. “Aqui nós planejamos com antecedência, ouvindo a ciência e a medicina. (...) Vocês vão conhecer hoje, aqui, mais detalhes sobre o programa estadual de imunização de São Paulo, que está mantido, até porque não conhecemos todos os detalhes do Programa Nacional de Imunização”, disse. Veja detalhes abaixo.

Na coletiva, foi apresentado o programa de logística do estado de São Paulo para a vacinação. Nele foi anunciado que o Estado terá capacidade para eptregar 2

milhões de doses da CoronaVac por semana aos municípios paulistas a partir da aprovação pela Anvisa.

“As doses partirão para uma central de logística do governo de São Paulo, primeiro diretamente aos 200 municípios mais populosos, com mais de 30 mil habitantes. Nossa capacidade logística permitirá a distribuição de 2 milhões de doses por semana por meio de caminhões refrigerados. Serão 70 rotas por semana”, disse o secretário executivo da Secretaria Estadual da Saúde, Eduardo Ribeiro.

O governo vai utilizar os 5.200 postos de vacinação já existentes nos 645 municípios do estado e ampliar a rede para até 10 mil locais de vacinação usando escolas, quarteis da PM, estações de trem e terminais de ônibus, além de farmácias e de pontos de vacinação no sistema drive-thru.

Para a logística da 1ª fase de imunização, o governo do estado promete ainda:

- Distribuição: até 2 milhões por semana, em média, com uso de 70 caminhões refrigerados; até a última quarta (6), a previsão era de 30 caminhões.

- Profissionais de saúde: atuação de 52 mil; até a última quarta (6), a previsão era de 54 mil profissionais.

- Materiais: uso de 75 milhões de seringas e agulhas; dessas, 20 milhões já estão distribuídas para a rede de saúde, segundo o governo, e outras 50 milhões serão distribuídas em remessas mensais de janeiro a agosto.

- Refrigeração: uso de 5.200 câmaras frias, cuja manutenção preventiva foi feita nos 25 Grupos de Vigilância Epidemiológica Regionais em todo o estado.

- Entrega para municípios: distribuição direta para 200 municípios com mais de 30 mil habitantes semanalmente e via 25 postos estratégicos de armazenamento para os outros 445 municípios do estado.

- Policiamento: emprego de 25 mil policiais para escolta das vacinas e segurança dos locais de vacinação.

DOSES

Durante a coletiva desta segunda, o secretário da Saúde disse que, por conta do acordo com o governo federal, o número de doses disponíveis para o estado de São Paulo deve ser menor do que o previsto inicialmente.

“Temos que entender que, hoje, a única vacina que temos disponível no nosso país é a vacina do Butantan, que será, a partir do momento que liberada pela agência reguladora Anvisa, distribuída para os estados. Desta maneira, nós entendemos que terá uma fração muito menor para o estado de São Paulo frente àquela que imaginávamos de 46 milhões de doses”, afirmou Jean Gorinchteyn.

O governo paulista também admitiu a possibilidade de atrasar a aplicação da segunda dose da CoronaVac para que um número maior de pessoas possam receber a primeira.

“Nosso cronograma inicial foi baseado em fazer duas doses num prazo da segunda dose entre 14 e 28 dias. Existe a possibilidade de manter os mesmos grupos a serem vacinados com a possibilidade de a segunda dose ser postergada. Não estou dizendo isso como uma posição definitiva, o Centro de Contingência ainda não se posicionou sobre esse tema, mas esta é uma possibilidade”, disse João Gabbardo, coordenador-executivo do Centro de Contingência da Covid-19 de SP.

da fere frontalmente o Código de Ética do Cidadania” em seu artigo 3º, inciso I. O colegiado também entendeu que, mesmo Isa Penna não sendo filiada ao Cidadania, soma-se ao artigo 3º o que estabelece o artigo 2º, inciso II, do Código de Ética.

“As imagens do plenário por si conferem clareza ao acontecimento, com nitidez, câmeras flagraram um comportamento descabido, rasteiro e incongruente por parte do deputado Fernando Cury contra a deputada Isa Penna. O fato é grave e insolente, não nos permite outra interpretação que não a de estarmos diante de um acontecimento desrespeitoso e afrontoso, que deve ser combatido”, destacou a relatora.

Conselho de Ética do Cidadania defende expulsão de Fernando Cury por assédio

O Conselho de Ética do Cidadania pediu neste domingo (10) a expulsão do deputado estadual de São Paulo, Fernando Cury, flagrado apalpando a deputada Isa Penna (PSOL), dentro da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), em dezembro. Ele está afastado do partido desde dezembro, quando o abuso foi registrado por câmeras durante a sessão plenária.

O parecer passará agora por análise do Diretório Nacional do Cidadania, a quem compete a decisão de expulsar ou não o parlamentar.

A relatoria do procedimento interno, Mariete de Paiva Souza, entendeu que a “importunação sexual sofrida pela deputada



Durante a coletiva, governador criticou falta de data para início do plano federal

“Estamos a dias da vacina e do fim dessa tragédia”, diz prefeito de BH

A Prefeitura de Belo Horizonte determinou que apenas serviços essenciais poderão funcionar na capital mineira a partir de segunda-feira (11). O novo decreto foi assinado pelo prefeito da capital mineira, Alexandre Kalil, nesta sexta-feira (8).

A medida foi adotada após o grande aumento na transmissão do coronavírus nos últimos dias. A ocupação de leitos de UTI para Covid-19 atingiu patamar recorde, de 86,1%. No primeiro dia de dezembro de 2020, o nível do indicador estava em 39,1%, patamar verde, de mais baixo risco.

A cidade tem 66.916 casos confirmados de coronavírus e 1.923 mortes.

A transmissão do coronavírus também voltou a atingir patamar amarelo do termômetro da Covid-19 elaborado pela Prefeitura de BH após as festas de fim de ano e o retorno de muitos belo-horizontinos de praias lotadas na última quinzena de dezembro.

Em vídeo publicado em suas redes sociais, o prefeito de BH Ale-



Alexandre Kalil na coletiva em que anunciou o novo fechamento dos serviços não essenciais

xandre Kalil confirmou o fechamento e disse que Belo Horizonte “chegou ao limite” por conta do aumento dos casos.

“Eu vim comunicar hoje (...) que sexta-feira o decreto vai ser publicado e segunda-feira a cidade está fechada”, afirmou Kalil.

O prefeito pediu “desculpas” à população, e disse não ter alternativa. “Eu mais uma vez peço desculpa, mas não tive outra alternativa. Não vamos fazer de Belo Horizonte um pandemônio porque nós estamos a dias

da vacina e do fim dessa tragédia”, declarou.

“Que Deus não dê mais um pouco de paciência para essa tragédia”, concluiu.

Belo Horizonte foi a primeira capital do Brasil a fechar o comércio, em 18 de março de 2020, para conter a Covid-19. Depois de 135 dias fechada, a capital foi reaberta parcialmente a partir de 31 de julho do ano passado, quando o prefeito começou a editar decretos que permitiram setores do comércio a voltarem gradualmente.



Arena Corinthians em Itaquera foi oferecida às autoridades de saúde paulistas

Corinthians, São Paulo, Vai Vai e Gaviões da Fiel colocam estruturas à disposição para vacinação

O presidente do Corinthians, Duílio Monteiro Alves, afirmou que a Arena Itaquera ficará à disposição dos órgãos de saúde de São Paulo para ser utilizado como centro de vacinação contra o novo coronavírus.

“Bom dia, Fiel! Gostaria de informar que, tão logo a vacinação seja autorizada, o Sport Club Corinthians Paulista colocará a Neo Química Arena à disposição dos órgãos de Saúde para que seja um ponto de imunização em massa da Zona Leste de SP”, publicou Duílio no Twitter.

“Com isso, a gente espera ter vocês na arena o mais breve possível, com muita saúde e união”, acrescentou.

Seguindo o mesmo embalo do rival, o São Paulo Futebol Clube também disponibilizará o Estádio do Morumbi e as dependências do clube ao governo do estado para a vacinação do Covid-19. “Assumindo nossa responsabilidade social neste importante e crítico momento vivido por toda a população, mas inteiramente confiantes no sério trabalho conduzido pelo Governador João Doria e por todo o Comitê Executivo, manifestamos nosso posicionamento em disponibilizar toda a infraestrutura do São Paulo Futebol Clube para aquilo que for necessário, inclusive o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, para local de vacinação”, afirma o presidente Julio Casares.

Nesta semana, o Olympique de Marselha, da França, também divulgou que vai colocar o estádio Vélodrome à disposição das autoridades locais para a vacinação contra

a Covid-19.

ESCOLAS DE SAMBA

Na onda de mobilização para que todos recebam a vacina contra o coronavírus, escolas de samba oferecem quadras para as campanhas. Por exemplo, Vai-Vai e Gaviões da Fiel se manifestaram publicamente, disponibilizando os espaços para o SUS. No Instagram, a escola do Bixiga afirmou:

“Tendo em vista o início da vacinação contra a COVID-19 em São Paulo a partir do dia 25 de Janeiro, a Diretoria da Escola de Samba Vai-Vai vem a público oferecer ao Governo e à Prefeitura nossa quadra e o nosso palco externo, localizados na região central da cidade, Rua São Vicente 276, Bixiga, para serem aproveitados como pontos de imunização durante campanha.

Esta luta é de todos nós!”.



União Química produzirá insumos

Laboratório brasileiro iniciará produção da vacina russa Sputnik V

A farmacêutica brasileira União Química anunciou nesta segunda-feira (11) que iniciará a produção da vacina russa contra a Covid-19 Sputnik V no próximo dia 15.

A União Química, que tem unidade de produção de vacinas em Brasília, se prepara para solicitar à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) autorização para o uso emergencial da vacina desenvolvida em Moscou pelo Instituto Gamaleya. Segundo o diretor da empresa, Rogério Rosso, a previsão é produzir até 8 milhões de doses por mês.

“O princípio ativo da vacina será feito em Brasília graças à transferência tecnológica, garantida pelo fundo soberano russo e o Instituto Gamaleya, que detém os direitos da Sputnik V”, disse o presidente da União Química Fernando de Castro Marques.

“O fracionamento da vacina será feito na unidade de Guarulhos, onde temos instalações preparadas para fazer o envase da vacina. Iremos distribuir a vacina para a população assim que a produção estiver pronta”, afirmou Marques.

A União Química assinou no ano passado um acordo com o Fundo de Investimento Direto Russo (RDIF), responsável pelo financiamento da vacina, para a fabricação em território nacional da fórmula desenvolvida pelo Instituto Nikolay Gamaleya. A produção se dará em uma planta de Brasília, uma das nove unidades da companhia.

Segundo Rosso, a União Química é o solicitou à Anvisa a validação da fase 3 dos ensaios clínicos, mas ainda não obteve retorno para formalizar o pedido de autorização. A vacina apresentou 91,4% de eficácia contra o novo coronavírus na última etapa de testes, segundo a Rússia. No Brasil, o Paraná e a Bahia já firmaram acordos unilaterais com o RDIF, mas dependem da Anvisa para a aplicação das doses.

Segundo o governo russo, México, Filipinas, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Indonésia e Índia apresentaram interesse na compra da vacina. A Argentina já concedeu autorização para uso emergencial da Sputnik V e comprou um lote de 10 milhões de doses - suficientes para imunizar 5 milhões de pessoas.



Cidade vive novo pico da pandemia

Novas internações por coronavírus em Manaus criam “cenário de guerra”

A capital amazonense Manaus registrou nos nove primeiros dias de janeiro um total de 1.524 novas internações por Covid-19. O número já supera o total de hospitalizações registradas durante todo o mês de dezembro do ano passado, quando 1.371 pessoas foram internadas com a doença.

Em meio ao completo descaso do governo Bolsonaro com a população, a cidade vive um novo surto da Covid-19, com aumento de casos, superlotação de hospitais e cemitérios. Até o último sábado (9), mais de 212 mil pessoas haviam sido infectadas pelo novo coronavírus em todo o Amazonas, e mais de 5,6 mil já morreram com a doença.

Também no sábado, o estado voltou a bater o recorde diário de internações em um único dia: foram 235 novas hospitalizações, número mais alto registrado no estado desde o início da pandemia, mesmo com o colapso na rede de saúde, vivido entre abril e maio de 2020. Desse total, 228 novas internações aconteceram só em Manaus.

Em todo o Amazonas, o número de internações também vem crescendo, conforme mostraram os dados da Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (FVS).

Na quarta-feira (6) a ocupação dos leitos de UTI da rede pública do estado chegou a 92%. Na rede privada, a situação é pior: não há mais leitos disponíveis.

Na última terça-feira (5), o prefeito de Manaus, David Almeida, decretou estado de emergência por 180 dias. O decreto autoriza, por exemplo, a contratação temporária de pessoal, de serviços e aquisição de bens e materiais.

A situação na cidade levou o governo do estado a decretar alerta roxo, nível que indica o maior risco de contaminação pela doença. O prefeito disse que o município providenciou a construção de 22 mil covas.

“Estamos contratando para que, de forma emergencial, possamos garantir que essas famílias possam ter seus entes queridos sepultados de forma digna”, disse.

Cassar gratuidade nos transportes em SP é agressão covarde a idosos

Decisões da Justiça de SP suspenderam, em caráter liminar, as medidas de Dória e Covas

Dona Marinalva tem 62 anos e mora em Guaianases, na zona leste da cidade de São Paulo, com uma filha desempregada e uma neta. Apesar de um problema no joelho esquerdo, bastante doloroso, no momento ela é a única fonte de renda da família, trabalhando como faxineira em várias casas, todas muito longe de onde reside. Em geral, é obrigada a tomar um ônibus, que a leva até uma estação de Metrô, e, depois do Metrô, outro ônibus, até o trabalho de cada dia.

“Com o dinheiro que eu não gasto na passagem, eu compro ‘mistura para a comida’, diz Dona Marinalva, nordestina de Parambu, no interior do Ceará, mas que mora há mais de 30 anos em São Paulo.

Dona Marinalva é uma das pessoas, com mais de 60 anos, que foram despojadas do seu direito de viajar gratuitamente nos ônibus, Metrô e trens urbanos de São Paulo, por ação conjunta do governador João Dória e do prefeito da capital, Bruno Covas. São milhares, milhares e milhares de pessoas na mesma situação, pois há, segundo a Fundação Seade, **594 mil e 97 pessoas** que têm entre 60 e 64 anos no município de São Paulo (no Estado, constata o IBGE, são 1 milhão e 500 mil habitantes nessa faixa de idade).

Dona Marinalva não é, evidentemente, uma exceção, do ponto de vista social, ao tomar, entre a ida e a volta à casa, quatro ônibus, intercalados por duas viagens de Metrô, para ganhar a vida – ou, melhor, para sobreviver.

Assim é a vida de milhares de pessoas, depois dos 60 anos, até os 64 anos. São essas – e suas famílias – as pessoas prejudicadas pela medida tentada pelo governo de São Paulo e pela Prefeitura da capital, na antevéspera do Natal, sem discussão, ou, como alguns disseram, “na calada da noite”.

Entretanto, segundo o secretário de Projetos do governo Dória, Mauro Ricardo, pessoas como Dona Marinalva são “jovens” – e por isso devem pagar a passagem nos ônibus, trens e Metrô.

Em entrevista à rádio CBN, no último dia 6, disse esse secretário do governo de São Paulo:

“Não há qualquer necessidade de assistência social a essa faixa etária, de 60 a 64 anos, que hoje são jovens. Hoje, a expectativa de vida está em torno de quase 77 anos de

idade. Não há qualquer necessidade de dar benefícios a essa faixa etária, de 60 a 64 anos, e retirando do restante da população, inclusive da população mais carente, para atender essa faixa etária de 60 a 64 anos.”

O aumento da expectativa de vida é, portanto, de acordo com esse indivíduo, uma maldição para quem vive mais. Quase nem vale a pena mencionar que a expectativa de vida mencionada pelo secretário é muito mais baixa nos bairros pobres.

Mesmo que não fosse: por que a maior extensão da vida deve significar que quem é idoso (“pessoas com idade igual ou superior a 60 anos”, segundo o artigo 1º do Estatuto do Idoso) deixa de ser idoso?

Por que viver mais, deve significar viver **mais miseravelmente** do que antes?

Além da completa desumanidade – ignorando as agruras de ser pobre, residir na zona leste e trabalhar, por exemplo, nos Jardins, com mais de 60 anos de idade, tomando vários ônibus, Metrô e/ou trens por dia – o representante do governo paulista tem o cinismo de tentar jogar uma faixa da população contra outra (“retirando do restante da população”).

Ou seja, são os idosos até 64 anos que estão “retirando” dos carentes mais jovens – e não o governo e a Prefeitura que estão cassando um direito dos carentes que têm acima de 60 anos.

É um cinismo que faz fronteira, de tão despuddorado, com o delírio.

Mas não vamos confundir falta de vergonha com doença mental, porque é um cinismo que expõe um grau, talvez inaudito, de maldade em relação aos idosos – isto é, aos idosos **pobres**, pois, certamente, não é a mãe do secretário que tem de se submeter a esse regime de transportes, para sobreviver.

O que isso tem de revoltante, deixamos aos leitores sentir – e concluir.

Até porque é evidente que, se não fosse pelo Estatuto do Idoso, que é lei federal (Lei nº 10.741/2003), a gratuidade dos transportes teria sido retirada também daqueles que têm 65 anos ou mais.

Não é outra coisa, **senão uma confissão nesse sentido**, a justificativa do governo e da Prefeitura de São Paulo de que a cassação do direito daqueles que têm de 60 a 64



Com medidas, idosos entre 60 e 64 anos teriam que passar a pagar tarifa

anos, foi tomada para se enquadrar “no Estatuto do Idoso”.

Desde quando o Estatuto do Idoso foi estabelecido para cassar direitos dos idosos?

Pelo contrário, o Estatuto do Idoso estabelece direitos **mínimos**. Jamais se pretendeu, até agora, que ele existisse para **reduzir** direitos dos idosos a esse mínimo.

Aliás, suposto defensor do Estatuto do Idoso, o secretário do governo de São Paulo esqueceu que esta lei federal define “idoso” como aquele cidadão **com 60 anos ou mais**.

Na hora de cassar direitos, idosos são transformados em “jovens” com tremenda, e irresponsável, facilidade.

É a essa covardia que se pode chegar, quando a injustiça – e, pode-se dizer, nesse caso, a injustiça **sádica** – preside determinações governamentais.

MISÉRIA E PANDEMIA

Pior, ainda, a decisão de cassar a gratuidade foi tomada durante a pandemia de Covid-19.

Não bastam os sofrimentos da população, em especial dos que têm mais de 60 anos, com a praga que já matou 200 mil brasileiros (quase 80% deles, com mais de 60 anos).

Nesse momento, trágico e mortal, exatamente nesse momento, o governo de São Paulo e a Prefeitura da capital tomam uma medida que significa uma **diminuição** na renda dos idosos – hoje, com a destruição econômica, uma das principais, muitas vezes a principal, fonte para a sobrevivência das famílias.

“Passamos por uma crise sem precedentes na qual os Aposentados, Pensionistas e Idosos são cada vez mais a principal pessoa que compõem a renda familiar. Retirar direitos de um idoso é um ATO

DESUMANO. É PROMOVER A MARGINALIZAÇÃO DA PESSOA IDOSA. Com essa caneta, o idoso não conseguirá o direito básico de ir e vir, seja para ir trabalhar ou ir ao médico. Onde está a justiça social?”, aponta a Federação das Associações de Aposentados, Pensionistas e Idosos do Estado de São Paulo (FAPESP).

O caso do sr. Pedro Crisóstomo, com 63 anos, é, nesse sentido, típico. Morador do Jardim Carombé, na zona norte da cidade de São Paulo, ele é aposentado e contribui, com parte de seus proventos, para os quatro filhos e suas famílias.

Com a tarifa atual dos transportes em São Paulo, R\$ 4,40, Crisóstomo teria que desembolsar R\$ 8,80, cada vez que precisar sair do seu bairro (o uso do Bilhete Único, com direito a quatro embarques, somente é válido por três horas).

Para quem tem uma aposentadoria equivalente ao salário mínimo, e ainda assim ajuda aos filhos, o fim da gratuidade é um aumento da aflição, em direção ao desespero – e totalmente desnecessário, pois é evidente que as “justificativas” do governo de São Paulo e da Prefeitura são inconsistentes, a começar pela “adaptação” ao Estatuto do Idoso, que já mencionamos acima.

A FAPESP denuncia, também, o modo sorrateiro, embaçado, como foi realizada essa cassação de direitos dos idosos: “Na calada deste final de ano, às vésperas do natal, em meio de uma pandemia, o Governo do Estado de São Paulo junto a Prefeitura da capital **TOMAM UMA ATITUDE TOTALMENTE UNILATERAL QUE VISA TOTAL EXCLUSÃO DAS PESSOAS IDOSAS**”.

Por que isso foi feito dessa forma?

Porque os autores da medida sabiam que ela era ilegítima, sabiam que era um ataque à população, sobretudo aos que têm de 60 a 64 anos, mas também a suas famílias – e isso são milhões de pessoas na cidade de São Paulo (e também no Estado, já que os ônibus intermunicipais também fazem parte desse embrulho de crueldades).

CONTRA A LEI

A gratuidade nos transportes para aqueles que têm de 60 a 64 anos está garantida, em São Paulo, pelas Leis estaduais nº 15.187/2013 (Metrô), trens da CPTM e ônibus da EMTU) e nº 15.179/2013 (ônibus intermunicipais em geral).

No município de São Paulo, a gratuidade nos ônibus urbanos foi estabelecida pela Lei municipal nº 15.912/2013.

Todas essas leis foram aprovadas e sancionadas após às manifestações de 2013, contra os preços extorsivos nos transportes de passageiros. Agora, em meio à pandemia, que

é um obstáculo à mobilização – sobretudo dos idosos – o que o governador João Dória fez foi, simplesmente, emitir um decreto (Decreto Estadual nº 60.595), **passando por cima de duas leis estaduais**, aprovadas pela Assembleia Legislativa.

Na justificativa para esse decreto que, inconstitucionalmente, **anulava duas leis**, o governo argumentou (?) que estava apenas adaptando a legislação estadual à legislação federal – isto é, ao Estatuto do Idoso – que obriga a gratuidade a partir dos 65 anos.

Como escreveu o juiz Manoel Fonseca Pires, ao suspender o decreto de Dória, mesmo que isso fosse verdade – e não é, pois o Estatuto do Idoso não limita direitos, ao contrário, estabelece direitos **mínimos** –, não seria atribuição do governador essa “adaptação”, mas da Assembleia Legislativa.

Aliás, vale a pena reproduzir um trecho da sentença do juiz:

“*Não pode o Poder Executivo utilizar-se de atribuição afeta ao Poder Legislativo sob pena de afrontar o princípio da tripartição dos poderes, previsto no artigo 2º da Constituição Federal. Outrossim, não há falar em respeito ao artigo 39 do Estatuto do Idoso, o qual prevê gratuidade aos maiores de 65 anos, como medida para revogar o benefício previsto em Lei Estadual, uma vez que tal atribuição de adequar à legislação federal, como dito, é matéria afeta ao Poder Legislativo Estadual.*”

No caso da lei municipal que garante a gratuidade nos ônibus urbanos para os que têm de 60 a 64 anos, recorreu-se ao famoso “jabuti” – ou seja, **no meio de um projeto que nada tinha a ver com a gratuidade**, ou o direito dos idosos, **enxertou-se a cassação desse direito dos idosos**.

Nas palavras da Federação dos Aposentados (FAPESP), foi usado “um substitutivo de um Projeto de Lei Municipal (PL 89/2020) colocado em 22/12/20, aprovado e sancionado na calada da noite, que dispõe sobre a criação de subprefeituras no município. O que isso tem a ver com a gratuidade dos idosos? Onde está a lógica? Diante de tudo que foi exposto, **ONDE ESTÁ O DIALOGO E RESPEITO COM OS MAIS AFETADOS?**”

No dia seguinte à aprovação desse “jabuti”, desse contrabando que cassava um direito dos idosos que existia desde 2013, o governador João Dória e o prefeito Bruno Covas emitiram um comunicado conjunto, pelo qual, a partir de 1º de janeiro, acabaria a gratuidade nos transportes para quem tem de 60 a 64 anos.

Posteriormente, o início da cassação foi adiado para 1º de fevereiro.

CARLOS LOPES



Reitoria da Federal de Pelotas rejeita intervenção de Bolsonaro e anuncia gestão compartilhada

A Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) anunciou, nesta quinta-feira (7), que será comandada por uma dupla de reitores pelos próximos quatro anos. Junto à professora Isabela Fernandes Andrade, que foi nomeada reitora em decisão de Bolsonaro na quarta (6), estará o professor Paulo Ferreira Júnior, eleito pela comunidade acadêmica.

Isabela Andrade assume o cargo oficialmente nesta sexta-feira (8), mas irá compartilhar as decisões com Paulo Ferreira Júnior, que foi o mais votado no pleito. Na prática, a UFPEL terá uma situação inédita de cogestão.

“Pela primeira vez na história da UFPEL, teremos uma dupla de reitores: a professora Isabela Andrade é a nossa reitora nomeada e o professor Paulo Ferreira Jr é o nosso reitor eleito. Ambos trabalharão, lado a lado, num modelo de gestão participativa, que servirá como um contra-ataque, uma resposta, à decisão autoritária do presidente da República de não nomear o primeiro colocado da lista enviada ao Ministério da Educação”, destaca o reitor atual, Pedro Hallal.

Durante o anúncio, Hallal destacou que tanto Isabela quanto Paulo fazem parte do mesmo grupo, denominado “Uma UFPEL Diversa”.

Em setembro de 2020, a comunidade da UFPEL promoveu uma consulta geral. No 1º turno, a chapa em que Ferreira Júnior se lançou como candidato a reitor, “UFPEL Diversa”, saiu vencedora com 46,4% dos votos, superando 20% da chapa “UFPEL Mais”. As duas foram para o 2º turno e, em outubro, a chapa de Ferreira Júnior ganhou com 56,4% contra 43,4%.

Conforme a universidade, a chapa vencedora indica três nomes para a eleição seguinte, entre os membros do Conselho Universitário (CONSUN), órgão máximo da instituição. Entre os três nomes, Ferreira Júnior foi o mais votado para reitor, com 56 votos; Isabela teve 6 votos; e Eraldo Pinheiro recebeu 2 votos. Esses três nomes compuseram a lista tríplice, enviada ao governo.

“Esse projeto representa uma continuação da nossa gestão e, também, foi eleito democraticamente pela comunidade da UFPEL”, destaca Hallal.

Isabela conta que foi pega de surpresa com a nomeação, pois se preparava para assumir a Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento da Universidade.

“Foi, certamente, um dos piores dias da minha vida. Vi, em questão de horas, toda a trajetória que sempre tentei construir sendo descartada por alguns e dando lugar a discursos agressivos. Foi um dia triste, pesado, e de provações. Não é fácil estar na vitrine e receber pedradas”, afirmou.

“Não era minha intenção assumir a Reitoria da Universidade neste momento. Tinha outros planos profissionais e, principalmente, pessoais. Lamento a decisão pela não nomeação do Reitor eleito da Universidade. Contudo, a partir da minha nomeação, me foi atribuída a tarefa de assumir a Reitoria da Universidade. Porém, não sou EU: somos NÓS, e nós somos um grupo! Não cairemos na estratégia de abrir mão de conduzir a Universidade pelos próximos quatro anos, pois temos uma comunidade bastante envolvida com o processo eleitoral. E eu, em particular, me coloco em uma posição bastante comprometida”, completou Isabela.

A nova vice-reitora, Úrsula Rosa da Silva, afirmou que “os componentes da lista tríplice Paulo Ferreira, Isabela Andrade e Eraldo Pinheiro, junto comigo, fazem parte da chapa eleita, que visitou todas as unidades da UFPEL juntos, nos apresentamos em debates todos nós, a comunidade nos conhece e elegeram nosso programa de gestão da UFPEL Diversa. É este Programa que vai ser implementado com a participação de toda a comunidade”.

Por ser uma universidade federal, a legislação prevê que o Presidente da República escolha o nome de quem vai ocupar o cargo. Juridicamente, não há como contrariar a decisão do governo federal, por isso, Paulo receberá um cargo de assessor para que possa trabalhar diretamente com Isabela no gabinete da reitoria.

O novo modelo tem como objetivo recusar a intervenção do governo Bolsonaro na Universidade e, ao mesmo tempo, não dar margem para que um interventor seja escolhido para comandar a UFPEL com uma renúncia de Isabela ao cargo.

“Repudiamos esse ato de subjugar as universidades a qualquer desmando. Na UFPEL não vai acontecer esse desmando. Nosso projeto aqui é um só. Nós temos um grupo que agora tem um reitor eleito e uma reitora nomeada”, afirmou Paulo, reitor eleito pela comunidade.

“Isabela vai ser empossada, mas vamos continuar lutando pela minha posse. Enquanto isso, vamos fazer uma gestão compartilhada. Sabemos que seremos muitos desafiados, por nos colocar dessa forma. Amanhã [sexta-feira, 8] estaremos os dois no gabinete para iniciar esses quatro anos de mandato”, completou.

Justiça derruba fim da gratuidade no transporte para idosos em SP

Os idosos com mais de 60 anos terão o seu direito de utilizar o transporte gratuitamente na cidade de São Paulo restabelecido. Na sexta-feira (8), a Justiça determinou a manutenção da gratuidade no transporte municipal aos idosos com idade entre 60 e 64 anos.

A decisão, em caráter liminar, é do juiz Otavio Tioiti Tokuda, da 10ª Vara da Fazenda Pública, e suspende a lei municipal que revogava o benefício.

Na quinta-feira (7), decisão da Justiça também derrubou o decreto do governador João Dória, que cassava o direito à gratuidade nos transportes estaduais. Com isso, os idosos voltam a usar ônibus, trens do Metrô, CPTM e ônibus intermunicipais da EMTU sem o pagamento da tarifa.

A gratuidade da passagem aos idosos de 60 a 64 anos consta na lei municipal

15.912/2013, que foi revogada pelo prefeito Bruno Covas, em dezembro, na lei 17.542/2020. De acordo com a SPTrans, com a medida, 186 mil idosos perderiam o direito ao transporte gratuito.

A decisão do juiz Otavio Tioiti Tokuda atendeu a pedido de uma cidadã, moradora da capital paulista. Ela alegou ofensa à moralidade administrativa com a nova lei municipal, e argumentou que a lei que revogou o benefício trata de outros assuntos, como IPTU e subprefeituras, sem tratar da questão do transporte público, manobra bastante conhecida como “jabuti”.

Em sua decisão, o juiz afirma que “analisando-se o texto da Lei Municipal nº 17.542/2020, verificamos que a ementa nada esclarece sobre revogação de gratuidade de tarifa nas linhas urbanas de ônibus

Papa condena invasão ao Capitólio e os que 'rumam contra a Humanidade'



Papa repudia negacionistas e deve se vacinar durante a semana

Índia aprova a Coronavac para imunização emergencial

A Indonésia autorizou, nesta segunda-feira (11), o uso emergencial da vacina produzida na China contra a Covid-19, a Coronavac. Segundo a Indonésia, a eficácia da vacina observada em testes, no país, é de 65,3%. O percentual – que atende aos requisitos determinados pela Organização Mundial de Saúde – foi obtido na etapa 3 de testes, que contou com 1.620 voluntários. “A Coronavac tem a autorização para o seu uso”, informou a chefe da Agência de Monitoramento de Alimentos e Medicamentos da Indonésia, Penny Lukito.

Na Turquia, resultados preliminares apontam para uma eficácia de 91,25% com 7.371 voluntários. No Brasil, onde o instituto Butantan está produzindo a vacina, a eficácia verificada, para casos leves, foi de 78%, sendo que ainda não foi apresentado a eficácia geral, dado que o Butantan promete para já. A OMS recomenda eficácia acima 50%.



Testes foram conduzidos em 1.620 voluntários

Na Indonésia, a vacinação está prevista para começar ainda esta semana e o presidente do país, Joko Widodo, será o primeiro a ser imunizado, “Porque serei o primeiro a ser vacinado? Não se trata de me colocar em primeiro lugar, mas de garantir a todos que a vacina é segura”. Em seguida, os profissionais de saúde e servidores públicos terão prioridade. A Indonésia recebeu da China 3 milhões de doses da Coronavac. Sua população total é de 270,6 milhões, e já registrou

24.129 óbitos. No Brasil, somente nesta sexta-feira, teve início a análise dos dados da vacina Coronavac pela Anvisa e o instituto Butantan requer seu uso emergencial e, no sábado, a Anvisa fez o requerimento de mais alguns dados. A Fiocruz também solicitou o uso emergencial para a AstraZeneca, em parceria com a universidade de Oxford, cuja vacina ainda não aportou por aqui. O número de óbitos no país já se aproxima dos 205.000.

Índia anuncia que a vacinação contra a Covid-19 começa em 16 de janeiro

O primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi, anunciou no sábado (9) que o país começará a campanha de vacinação contra a Covid-19 em 16 de janeiro próximo.

Será uma das maiores campanhas de vacinação do mundo, com o objetivo de imunizar 300 milhões de pessoas antes de julho, incluindo agentes de saúde, policiais e pessoas mais vulneráveis devido à sua idade ou outras doenças.

As autoridades de saúde do país deram autorização para uso emergencial de duas vacinas, a Covaxin, da indiana Bharat Biotech em colaboração com o Instituto Nacional de Virologia e o Conselho Indiano de Pesquisa Médica, e a Covishield, desenvolvida pela Universidade de Oxford em parceria com a farmacêutica britânica AstraZeneca.

A vacina será gratuita para toda a população deste país de mais de 1,3 bilhão de habitantes. A Índia é o segundo país mais afetado – depois dos Estados Unidos – pela Covid-19, com mais de 10 milhões de casos detectados, enquanto a taxa de mortalidade é uma das mais baixas do mundo.

Modi saudou a aprovação das duas vacinas. “Todos os indianos ficarão orgulhosos de que as duas vacinas que receberam a aprovação para uso de emergência sejam



Treinamento dos profissionais de saúde começou

feitas na Índia!” escreveu no Twitter, classificando as aprovações como um sinal de um país “autossuficiente”.

O Instituto Serum da Índia, a maior fabricante mundial de vacinas, foi contratado pela AstraZeneca para produzir um bilhão de doses para nações em desenvolvimento, incluindo a Índia. Mais de 150.000 pessoas foram treinadas em 700 distritos e a logística incluirá 290.000 pontos de armazenamento para as doses em temperaturas controladas.

Pouco mais de 300 câmaras frigoríficas, 70 delas a elevadas temperaturas negativas, e outros 45.000 congeladores estão prontos para garantir o transporte e conservação das doses.

Nas últimas semanas, o número de novos casos detectados diariamente

tem diminuído consideravelmente no país asiático.

O número inicialmente previsto no programa de imunização da Índia ainda fica muito aquém da necessidade do país que tem hoje 1,38 bilhão de habitantes.

Para isso, no entanto, a Índia mostra estar aparelhada, com a produção em andamento da vacina Covishild no Instituto Serum, o maior laboratório do mundo em termos de capacidade de produção de vacinas e, principalmente, com a vacina de fabrico próprio, a Covaxin.

Esta vacina está entre as que foram produzidas a partir de uma técnica tradicional de desenvolvimento de imunizantes que a do recurso do vírus inativado. Para estabelecer parâmetros para sua aprovação, a vacina foi testada em 28,5 mil voluntários.



Notícia da não extradição foi celebrada. Defesa luta para libertar o jornalista Assange da prisão de Belmarsh

A defesa do jornalista e preso político Julian Assange anunciou que está preparando recurso à Suprema Corte britânica pela sua imediata transferência para o regime de prisão domiciliar, sob monitoramento por tornozeleira, ao lado da companheira Stella Morris e dos dois filhos pequenos.

A apelação se deve a que a juíza Vanessa Baraitser manteve Assange sob detenção na penitenciária de segurança máxima de Belmarsh, a ‘Guantánamo britânica’, e negou o pedido de fiança apresentado pela defesa. “Esperamos que [a decisão] seja anulada”, disse o editor-chefe do WikiLeaks, Kristinn Hrafnsson.

A disputa nas instâncias superiores pode levar anos e não é justo manter Assange, contra quem não há qualquer outra acusação que não a dos EUA e não foi condenado por nada, em solitária, como ocorre atualmente.

Por sua vez, os EUA já anunciaram que irão apelar contra a recusa da extradição. Na segunda-feira, a mesma juíza Baraitser havia indeferido o pedido do governo Trump de extraditar Assange por supostos “espionagem” e “hackeamento”. Na verdade, por ter trazido a público os arquivos do Pentágono sobre a ocupação do Iraque e Afeganistão, inclusive mostrando crimes de guerra, como o massacre de civis em Bagdá. Divulgação, aliás, feita pelo WikiLeaks conjuntamente com os maiores jornais do mundo.

“INJUSTO E ILÓGICO”

“É injusto e ilógico quando você considera a decisão [de Baraitser] de dois dias atrás sobre a saúde de Julian, em grande parte porque ele está na prisão de Belmarsh”, disse Hrafnsson. “Enviá-lo de volta para lá não faz sentido algum”.

Ainda, conforme assinalou o articulista da Deutsche Welle, Matthias von Hein, “não há motivo plausível para um jornalista investigativo ter pior tratamento na prisão do que, por exemplo, um genocida: o ex-ditador chileno Augusto Pinochet pôde aguardar confortavelmente seu processo de extradição em prisão domiciliar numa vila de luxo perto de Londres”.

Considerando a trajetória de Baraitser, a recusa à transferência de Assange para prisão domiciliar não é propriamente surpreendente, até mesmo porque a justiça britânica foi parte fundamental da perseguição sob “roupagem jurídica” ao jornalista, bem como da campanha de assassinato de reputação movida contra ele.

Além de que os governos britânicos só são superados, em crimes de guerra em relação ao Iraque e Afeganistão e seu encobrimento, pelos próprios Estados Unidos. O que, aliás, voltou à tona recentemente, com a indecente decisão da Corte Criminal Internacional, deixando a investigação dos massacres cometidos pelas tropas inglesas no Iraque para os próprios ingleses.

UNDÉCIMA HORA

Foi quase curioso que Baraitser haja, apenas nas palavras finais de sua sentença, indeferido a extradição, depois de praticamente endossar as mais estapafúrdias acusações dos EUA contra Assange.

Da negação do caráter político da perseguição à inexistência de ameaça ao jornalismo em qualquer parte do mundo sob a lei extraterritorial norte-americana; da conivência com a vigilância da CIA dentro da embaixada violando o sigilo cliente-advogado, até o encobrimento da impossibilidade de um julgamento justo para Assange em solo norte-americano.

E, coroando tudo, a absurda situação em que os perseguidos são os denunciadores dos crimes de guerra e não os criminosos e mandantes – uma completa inversão da jurisprudência de Nuremberg.

Houve até quem visse na decisão contra a extradição na undécima hora “um milagre”, ou quase. A recusa, Baraitser registrou, se devia a que Assange ficaria em risco de suicídio sob o extremado regime prisional de exceção dos EUA que o aguardava.

Assim, como expressou o ex-embaixador Craig Murray, amigo de Assange, possivelmente tratou-se da melhor sentença que, realisticamente, se poderia esperar de Baraitser, chamando a comemorar a decisão de não-extradição, e a deixar “para amanhã” a questão pendente da liberdade de imprensa. Um cartaz resumia tudo dessa luta que já dura dez anos: “a verdade não é crime”.

“LIBERTEM JULIAN ASSANGE”

O anúncio da não-extradição foi comemorado de forma entusiástica pelos presentes, que cantavam “Liberem Julian Assange”, se abraçavam e abriam garrafas de espumante nas imediações do tribunal.

No domingo, véspera da decisão da extradição, Hrafnsson dissera à AFP estar “quase certo” de que o tribunal decidiria contra Assange. “Tive que reescrever meu discurso”, revelou aos eufóricos apoiadores de Assange sua noiva, Stella, ao falar na tribuna improvisada do lado de fora do tribunal logo após a audiência.

Ela agradeceu aos milhões de pessoas no mundo inteiro que têm levantado sua voz por Julian, saudou a vitória, esse “primeiro passo”, denunciou que o jornalista continua preso e no isolamento, sem qualquer condenação, e impedido de estar com seus pequenos filhos, que estão sendo privados do amor e afeto do pai.

Dirigindo-se ao “presidente dos EUA” – o atual ou o recém eleito? -, Stella pediu que “pusesse abaixo os muros da prisão” de Assange, retirando o pedido de extradição de uma vez por todas. Trump, em um dos últimos atos de governo, anistiou quatro mercenários da Blackwater, que assassinaram 17 pessoas em um engarrafamento de trânsito em Bagdá em 2007.

ALEIVOSIAS

Como justificativa para a manutenção de Assange na solitária na prisão de segurança máxima de Belmarsh durante a apelação, a magistrada alegou os antecedentes de fuga de Assange – no caso, o asilo na Embaixada do Equador para não ser extraditado para os EUA.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

“Há pessoas que tomam um caminho contra a humanidade, contra a democracia, contra o bem comum”, alerta o papa que acrescenta ser fundamental refletir e aprender com a História

O papa Francisco condenou a invasão ao Capitólio na última quarta-feira (6) alertando para o ataque à democracia. “Isso deve ser condenado, sim”, sintetizou. Ele lamentou que, mesmo em ambientes ditos “mais evoluídos” há sempre “algo que não funciona”.

E acrescentou que “há pessoas que tomam um caminho contra a humanidade, contra a democracia, contra o bem comum”. Ressalta que a violência pode surgir em qualquer lugar, mas que é fundamental entender o que deu errado, fazer uma reflexão e aprender com a História.

“NEGACIONISMO SUICIDA”

Ainda em seu depoimento Papa Francisco ressalta a relutância de muitos para receberem a vacina, o pontífice faz um alerta em relação a essa resistência “há um negacionismo suicida”, e diz não entender a dificuldade de compreensão de que há benefícios na vacina e de acreditar em estudos científicos.

O Papa tem 84 anos, faz parte do grupo de risco e tomará a vacina, “eu acredito que eticamente todo mundo deve tomar a vacina. É uma opção ética porque você aposta na sua saúde, na sua vida, mas também na vida dos outros”.

“Não sei por que alguns dizem ‘não, a vacina é perigosa’, devemos acreditar nos médicos, eles dizem que não apresenta riscos, por que não nos vacinarmos?”, questiona.

A Santa Fé comprou 10.000 doses da vacina da Pfizer em parceria com a BioNTech, e pretende imunizar a Cúria Romana, funcionários do Vaticano e pessoas atendidas pelo Fundo de Assistência Sanitária.



Eleitores da Geórgia enviaram dois democratas ao Senado: Raphael Warnock (esq.) e Jon Ossoff. Geórgia elege o sucessor de Martin Luther King ao Senado

O primeiro vitorioso nas duas votações para o Senado norte-americano pelo Estado da Geórgia foi o reverendo Raphael Warnock que, com uma vantagem perto de 55.000 votos sobre candidata republicana Kelly Loeffler.

A conquista de Warnock se reveste de significado especial pois o reverendo é o sucessor do principal líder da luta pelos direitos civis nos EUA, Martin Luther King, como pastor na Igreja Batista Ebenezer de Atlanta. Do mesmo púlpito do Dr. King, Warnock seguiu pregando em favor da igualdade racial, direitos civis e pelas causas justas. O resultado, foi anunciado como importante vitória dos democratas pela agência de notícias Associated Press, assim como pelos jornais NYT e Washington Post, dá vitória a Warnock.

A disputa pela segunda vaga no Senado foi bem mais acirrada. Mesmo assim as aí se registrou a segunda vitória democrata, com o jornalista Jon Ossoff sobre o senador republicano David Perdue, conferindo uma segunda cadeira aos democratas no Senado.

Com as duas vitórias na Geórgia (único Estado onde houve segundo turno nestas eleições), o partido Democrata empata com o Republicano em 50 cadeiras no Senado. Acontece produção de vacinas e, principalmente, com a vacina de fabrico próprio, a Covaxin.

Esta vacina está entre as que foram produzidas a partir de uma técnica tradicional de desenvolvimento de imunizantes que a do recurso do vírus inativado. Para estabelecer parâmetros para sua aprovação, a vacina foi testada em 28,5 mil voluntários.

Em um início um dia

antes das eleições, Biden pediu apoio aos eleitores da Geórgia: “Preciso destes dois votos no Senado”.

A tentativa desesperada de Trump de cooptar, sob ameaças, o secretário de Estado da Geórgia para fraudar a eleição estadual, na qual foi derrotado por Biden por uma diferença de 11.779 votos, às vésperas da eleição para o Senado, no mesmo Estado, revelou-se de uma prepotência e estupidez que terminaram de demolir as duas candidaturas republicanas ao Senado.

AMEAÇAS À DEMOCRACIA

O golpe frustrado no dia 6 de janeiro, repercutiu entre os fascistas do Estado da Geórgia: um bando de milicianos se postaram com armas diante do parlamento local, ameaçando o secretário de Estado, Brad Raffensperger, que estava no prédio e teve de sair de lá sob escolta policial.

Os nazistas instigados por Trump seguem, segundo tem apurado o FBI, planejando ações contra os legislativos, tanto o Congresso dos EUA, como as casas legislativas estaduais.

A agressão patente à democracia, cuja base tem sido a alucinada narrativa trumpista de que “a eleição foi roubada”, após perder por 8 milhões no voto popular e de 306 a 232 no Colégio Eleitoral, tem se manifestado em mensagens pelas redes sociais e deslocamentos de arruaceiros que tem levado o FBI e outras forças de segurança a alertarem contra possíveis ações armadas nos dias que antecedem o dia 20 de janeiro data em que Biden vai tomar posse em Washington. (Leia mais informações sobre o golpe frustrado na página 7)

Merkel, Macron e Johnson repudiam o ataque trumpista ao Congresso norte-americano

A invasão do Congresso norte-americano por turbas fascistas insufladas pelo derrotado Donald Trump, para impedir a certificação da vitória do eleito, Joe Biden, foi repudiada no mundo inteiro por governos e pela imprensa internacional como “deplorável”, “perigoso” e “chocante”.

O chefe da diplomacia da União Europeia, Josep Borrell, denunciou o “assalto sem precedentes à democracia, às instituições dos EUA e ao Estado de Direito” e pediu que se respeite o resultado da eleição presidencial. “Foi um choque testemunhar as imagens em Washington”, tuitou o presidente do Conselho Europeu, Charles Michel.

“Manifestamos nosso repúdio aos graves atos de violência e o atropelo ao Congresso ocorridos hoje [ontem] em Washington DC. Acreditamos que haverá uma transição pacífica que respeite a vontade popular e expressamos nosso mais firme apoio ao Presidente eleito Joe Biden”, tuitou prontamente o presidente argentino Alberto Fernández.

O primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, denunciou “cenas vergonhosas” e pediu uma “transição pacífica e ordeira” do poder para o eleito, Joe Biden. “Nada pode justificar essas tentativas violentas de frustrar a transição legítima e adequada do poder”, afirmou seu ministro das Relações Exteriores, Dominic Raab.

Em nome da França, o ministro das Relações Exteriores Jean-Yves Le Drian rechaçou a violência perpetrada como “um grave ataque à democracia”, dizendo: “Eu a condeno. A vontade e o voto do povo americano devem ser respeitados”.

Para o presidente Emmanuel Macron, o que aconteceu em Washington “não foi a América, definitivamente”. “Nós acreditamos na força de nossas democracias, acreditamos na força da democracia americana”, acrescentou.

Após se dizer “furiosa e triste” com a invasão do Capitólio pela turba ensandecida, a primeira-ministra alemã Angela Merkel atribuiu responsabilidade ao presidente Trump, ao assinalar que “as dúvidas sobre o resultado das eleições” criaram o clima “que tornou possível os eventos de ontem à noite”.

O presidente alemão – um cargo honorífico –, Frank-Walter Steinmeier, sublinhou que o caos em Washington é “o resultado de mentiras e ainda mais mentiras, de divisão e desprezo pela democracia, de ódio e de demagogia, inclusive do mais alto nível”.

“A violência é incompatível com o exercício dos direitos e das liberdades democráticas”, registrou o chefe do governo italiano, Giuseppe Conte, que se disse confiante “na força e na solidez das instituições dos Estados Unidos”.

O premier holandês, Mark Rutte, classificou como “horrríveis” os acontecimentos de Washington e pediu a Trump que “reconheça Biden como o futuro presidente”.

Leia matéria mais em www.horadopovo.com.br

Após golpe fracassado de Trump, democratas pedem seu impeachment



No assalto fascista ao Congresso açulado por Trump houve cinco mortos

Milícia que invadiu Capitólio agrediu jornalistas

A milícia de Trump que invadiu o Capitólio dos Estados Unidos na quarta-feira (6), perseguiu e ameaçou de morte a jornalistas, após incitada por um presidente que continua se negando a reconhecer a derrota nas urnas, ao mesmo tempo em que rotula a mídia de “inimiga do povo”.

Com os marginais no seu encalço, apavorados pela destruição compulsiva dos seus equipamentos e correndo risco de vida, muitos repórteres conseguiram se abrigar no porão do Congresso no momento em que o edifício era atacado.

O clima de hostilidade era visível e potencializado pelo grafite “Assassine a mídia”, gravado na porta do prédio

do parlamento durante o ataque em que morreram cinco pessoas.

Entre os profissionais que viveram na própria pele a tensão de cobrir os acontecimentos está a repórter de Los Angeles Times, Sarah D Wire, que fez um paralelo, contando da experiência de se esconder em situação similar a de um conflito armado.

Em campo aberto, os fotógrafos John Minchillo e Julio Cortez, da Associated Press (AP), relataram um quadro extremamente tenso, principalmente se entre os apoiadores de Trump havia os que expressavam admiração pelo nazismo (com apologia ao

campo de Auschwitz).

“Minchillo foi rotulado como antimanifestantes [sic], embora continuasse exibindo suas credenciais de imprensa, e uma pessoa podia ser ouvida ameaçando matá-lo”, falou Cortez, descrevendo o caos do cenário. Levado para longe da polícia, Minchillo foi interrogado pelos milicianos se era ou não da “Antifasci”, e chegou perto de sofrer um linchamento. “Esta é uma situação não editada da vida real de um membro da imprensa mantendo a calma, mesmo sendo atacado. Um verdadeiro profissional e um grande companheiro de equipe. Estou feliz por termos sido capazes de escapar”, comemorou Cortez.

Debate da UMES revela formidável arrancada da China socialista

A União Municipal de Estudantes Secundaristas de São Paulo – UMES-SP realizou um debate sobre a China socialista no último dia 22 de dezembro, antes da virada do ano. Através de uma Live que contou com a participação da professora da UFRJ Isabela Nogueira e de Haroldo Lima, dirigente nacional do PCdoB e ex-deputado constituinte de 1988, ambos estudiosos do país asiático. O debate foi mediado por Lucas Chen, presidente da UMES.

Em sua exposição inicial Haroldo Lima saudou a iniciativa dos estudantes de promover a discussão sobre a China e afirmou: “Vocês querem conhecer o país que é a maior economia do mundo hoje, após mais de 30 anos de crescimento ininterrupto de 10% ao ano, a China se transformou na maior economia do mundo. Tem, segundo o FMI e levando em conta a paridade de preços de compra, em outubro de 2020, PIB de US\$ 24,1 trilhões, PIB per capita, e os Estados Unidos, em segundo lugar, com US\$ 20,8 trilhões”, ressaltou Haroldo Lima, engenheiro, ex-deputado federal por cinco mandatos, inclusive como constituinte em 1988, ex-diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo (ANP) e esteve várias vezes na China.

Prosseguindo, Haroldo disse que “a China tem um papel proeminente em toda a História humana. Henry Kissinger, o ex-secretário de Estado norte-americano todo poderoso, disse sobre a China: “a parcela de contribuição da China no PIB mundial foi maior do que a de toda a sociedade ocidental em 18 dos últimos 20 séculos”. Ou seja, em 18 dos últimos 20 séculos, a China foi a maior potência do mundo, foi quem mais se desenvolveu. Esse negócio de se desenvolver é com a China, ela entende disso. Disse ainda Henry Kissinger: em 1820, a China produziu mais de 30% do PIB mundial, mais que toda a Europa Ocidental, toda a Europa Oriental e todos os Estados Unidos, juntos”.

Na China, “o Estado regula o mercado, e o mercado orienta as empresas. Isso é



Lucas Chen, presidente da UMES; Haroldo Lima, dirigente nacional do PCdoB e Isabela Nogueira, professora da UFRJ

uma criação nova, nenhum país capitalista do mundo faz isso. Nenhum país socialista fez isso no passado. O Lenin tentou fazer isso no final de vida, mas não deu certo, não teve mais muito tempo para isso”, acrescentou.

Haroldo falou ainda que “na economia socialista de mercado da China, o controle econômico é feito pelo Estado, o Estado dirigido pelo Partido Comunista. São 97 conglomerados, que controlam todos os setores estratégicos do país, ao lado de uma multidão de empresas de mercado, capitalistas, que não interferem no rumo da economia”.

Haroldo registrou que “o fim da pobreza absoluta na China [anunciado em outubro último] é um grande feito e uma questão que foi registrada na história da Humanidade pela primeira vez agora”.

ISABELA NOGUEIRA

Isabela Nogueira, professora da UFRJ e coordenadora do Laboratório de Estudos da China, iniciou sua explanação falando sobre a erradicação da pobreza no país asiático. A retirada da pobreza alcançou “um número importante, são 50 milhões de pobres a menos nos últimos cinco anos”, registrou Isabela. E acrescentou: “quando a gente pega os últimos 40 anos, aí estamos falando de alguma

coisa em torno de 800 milhões de pobres a menos. São quatro Brasis. É uma redução muito abissal da pobreza. Não existe nada parecido na história da Humanidade, do ponto de vista de uma redução assim tão expressiva na pobreza”, ressaltou.

“Quando analisamos os sete primeiros anos de reformas na China, que vão de 1978 até 1985, a gente vai assistir a uma redução radical na história da Humanidade. São 400 milhões – são dois Brasis – de pobres a menos no curtíssimo espaço de sete anos, ali no começo da década de 80”, afirma Isabela.

A professora acrescentou por fim que, “na China não existe nada parecido com grandes favelas, nem regiões rurais extremamente pobres. Há universalização de água potável e infraestrutura básica. Quem visita a China sabe que é assim” e que “a questão mais atual desse período com Xi Jinping foi eliminar o que ainda havia de pobreza extrema de difícil acesso, o que exige programas de intervenção de maneira focalizada, para atingir grupos mais vulneráveis, em regiões mais remotas, com programas e objetivos mais específicos. E isso foi conseguido e a pobreza extrema foi erradicada em todo o país”, finalizou.

Houve ainda uma rodada de perguntas aos debatedores. Leia a texto do debate em www.horadopovo.com.br

“Donald Trump incitou voluntariamente seus apoiadores a invadir o Capitólio e interromper a transição pacífica do poder. Ele deve ser impedido e removido”, enfatiza documento dos democratas

A bancada democrata da Câmara de deputados formalizou na segunda-feira (11) o pedido de impeachment do presidente Donald Trump por “incitação à insurreição contra o governo dos Estados Unidos” e vandalização do Capitólio no dia 6 para impedir a certificação final da vitória de Joe Biden nas urnas.

“Donald Trump incitou voluntariamente seus apoiadores a invadir o Capitólio dos EUA e interromper a transição pacífica do poder. Ele deve ser impedido e removido”, enfatiza a proposta de quatro páginas.

No assalto ao Congresso dos EUA, houve cinco mortos, inclusive um policial, deputados e senadores tiveram que se esconder para não caírem nas mãos da turba, que inclusive clamava pelo encarceramento do vice-presidente, Mike Pence, e pela cabeça da presidente da Câmara, Nancy Pelosi.

O pedido afirma, ainda, que as declarações de Trump naquele dia foram “consistentes com seus esforços anteriores para subverter e obstruir a certificação dos resultados das eleições presidenciais de 2020”.

Apresentado pelos deputados Ted Lieu, David Cicilline, Jaime Raskin e Jerrold Nadler, e co-patrocinado por 218 deputados, o pedido de impeachment reitera que Trump “pôs gravemente em perigo” as instituições de governo dos Estados Unidos e “permanecerá uma ameaça à segurança nacional, à democracia e à Constituição se permitido a continuar no cargo”. O pedido deverá ser votado na quarta-feira.

DE CASO PENSADO

Por mais delirante que haja sido o comportamento e o visual de certas figuras durante a invasão do Capitólio, cada dia fica mais claro de que não se tratou de um esparramo de alguns milhares de “desajustados” e “lunáticos”, mas um golpe fascista que fracassou, apesar de todo empenho de Trump e da escória que o circunda.

Assim, nos numerosos vídeos que vieram a público do assalto ao Congresso dos EUA, não é difícil perceber a presença, ao lado desses exóticos, de paramilitares. Inclusive alguns deles levando um tipo de algema de plástico cuja única serventia é capturar gente. Os alvos, ou possíveis reféns, aventou a mídia norte-americana, eram os congressistas.

Pelosi já havia responsabilizado Trump por gerar a “atmosfera” política e social em que o golpe se tornou possível, ao dizer desde muito antes do dia da eleição que já estava ‘eleito’, e só perderia se houvesse fraude. Levou milhões de seus eleitores a acreditarem que a tradicional votação pelo correio, por ser a preferida pelos democratas por causa da pandemia, era “fraude”.

O ex-governador da Califórnia, republicano de longa data, e ator de sucesso, Arnold Schwarzenegger, chamou a invasão do Capitólio de a “noite dos cristais” da América, comparando com a vandalização de lares de judeus em 1938 na Áustria, país onde ele nasceu – “uma noite de violência levada a cabo pelo equivalente nazista dos Proud Boys (milícia de extrema-direita dos EUA). Tudo começou com mentiras, mentiras e mentiras, e intolerância”, acrescentou.

Nada como as próprias palavras de Trump no dia 6, aos fanáticos que atenderam a seu chamado: “vocês nunca vão retomar nosso país com fraqueza, vocês têm que mostrar força, têm que ser fortes”. Ao convocar a turba a marchar sobre o Congresso, inclusive disse que iria junto.

Trump acrescentou que a crise política em Washington não era mais simplesmente uma questão de “fraude eleitoral”, mas de “segurança nacional e regras diferentes

se aplicam”. Pelo Twitter ele antecipara: vai ser “selvagem”.

Antes dele, o advogado de Trump, Rudy Giuliani, foi ainda mais explícito: a decisão do confronto político nos EUA seria estabelecida por um “juízo em combate”.

Em resumo, o que Trump pretendia era utilizar a chamada “Bancada da Sedição” – apelido aposto pelo jornal Washington Post – para questionar o resultado eleitoral já certificado pelos estados, forçando a devolução em estados como Arizona, Geórgia e Pensilvânia, em que Biden venceu mas o poder legislativo é dos republicanos.

O objetivo era cassar o resultado da urna e substituir por uma votação de cartas marcadas de deputados, para mudar os delegados no Colégio Eleitoral por nomes favoráveis a Trump, o que poderia incluir uma “auditoria” para justificar a cassação dos votos de Biden. A “Bancada da Sedição” era composta por mais de uma dezena de senadores e mais de 100 deputados republicanos, mas encolheu depois do assalto ao Capitólio.

Que Trump não pretendia parar diante de nada para fraudar a eleição ficou patente no famoso telefonema ao secretário de Estado da Geórgia, que é republicano, ordenando que “achasse” mais de 11 mil votos para roubar a eleição a favor dele.

O assalto ao Capitólio foi desencadeado para coincidir com o início da sabotagem de parte da Bancada pró-Trump, questionando a vitória democrata no Arizona. É possível que, nos cálculos de Trump, caso ele embaralhasse a situação nos estados-chave, poderia obter, nessa nova situação, uma decisão favorável da Suprema Corte de maioria ‘6 a 3’ – três juízes que ele próprio nomeou-, numa espécie de reedição de 2001.

“ENFORQUEM PENCE”

O lado “selvagem” da operação, já referido por Trump, agravou-se à medida que seu vice, Mike Pence, não topou ser o pivô da fraude – e do golpe –, dizendo na abertura dos trabalhos que não cabia a ele dizer quem era vencedor ou perdedor em cada estado e que ele não tinha poder para mudar o resultado atestado por cada estado.

O que explica a ira de Trump (“ele não teve coragem”) e os gritos de “enforcem Pence” ouvidos nos corredores do Congresso – inclusive pelo próprio vice, que estava com a mulher e filha do lado.

Antes Trump assegurara, pelo Twitter, que ele e Pence “estavam em total acordo de que o vice-presidente tinha o poder para agir [isto é, roubar a eleição]”. Na mesma declaração, enfatizou que Pence tinha “várias opções” sob a Constituição dos EUA.

Também o líder republicano do Senado, Mitch McConnell, depois de por meses coonestar as mentiras de Trump sobre fraude nas eleições, optou por não embarcar no desfecho da trama, admitiu que não houve fraude generalizada, que o voto pelo correio tinha sido normal nas circunstâncias da pandemia e que, por esse caminho de reescrever resultado, o país ficaria em guerra a cada quatro anos e só o vencedor é que aceitará o resultado.

Há outros elementos que permitem estabelecer que a coisa não aconteceu no calor do momento, mas de caso pensado. Para começar, o prédio do Capitólio ficou praticamente desprotegido, quando era óbvio, pela crise política e marcha de extremistas amplamente anunciada, que precisava de reforço. Aliás, deveria ser o local mais seguro do país.

Leia a íntegra da matéria em www.horadopovo.com.br



Schwarzenegger repele ‘mentiras trumpistas’

Schwarzenegger comparou ataque ao Congresso com a violência da Alemanha nazista

O ator que já governou a Califórnia pelo Partido Republicano, o mesmo de Trump, comparou a ação golpista por um presidente em exercício de mandato ao triste episódio em que, obedecendo ordens de Hitler, os fascistas invadiram e vandalizaram diversos templos, escolas e lojas judaicas.

“Quarta-feira foi o ‘Dia dos Cristais’ aqui nos Estados Unidos. O vidro quebrado estava nas janelas do Capitólio. Mas a multidão não destruiu apenas as janelas. Eles quebraram as ideias que considerávamos certas. Eles não apenas derrubaram as portas do prédio que abrigava a democracia americana, também pisotearam os próprios princípios sobre os quais nosso país foi fundado”, disse Schwarzenegger.

O ator assinalou que nasceu na Áustria dois anos após o fim da 2ª Guerra Mundial e cresceu em meio ao impacto da noite dos cristais, a Kristallnacht, que denunciou como “uma noite de violência contra os judeus levada a cabo em 1938 pelo equivalente nazista dos Proud Boys” (grupo da extrema direita dos EUA). “Tudo começou com mentiras, mentiras e mentiras, e intolerância”, afirmou.

O intérprete do Ex-terminador do Futuro

também criticou os integrantes do seu partido que se viram tirando proveito das mentiras de Trump, para dar um golpe fascista, inclusive ajudando a divulgá-las, o que acabou levando ao ataque contra o Congresso. Ele citou uma frase do presidente Theodore Roosevelt: “Patriotismo significa apoiar o país. Não significa apoiar o presidente”.

Expressando o repúdio generalizado à atitude de Trump, Schwarzenegger alertou que os americanos devem estar “cientes das terríveis consequências do egoísmo e do cinismo”.

“O presidente Trump é um líder fracassado. Ele entrará para a história como o pior presidente de todos os tempos. A coisa boa é que logo ele será tão irrelevante quanto um velho tuit”, frisou.

“Agora, independentemente de sua filiação política, peço que se junte a mim para dizer ao presidente eleito: ‘Presidente eleito Biden, desejamos-lhe muito sucesso como presidente. Se você tiver êxito, nossa nação triunfará. Nós o apoiamos de todo o coração em sua busca para nos unir”, disse.

“Eficácia e segurança da CoronaVac são muito boas”, comemora Eduardo Costa

“Esse processo nos mostra que o sucesso não é a nova tecnologia, mas a boa tecnologia e a tecnologia mais segura”, disse Eduardo Costa. O epidemiologista, pesquisador e professor da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) afirmou, em entrevista ao HP, na quinta-feira (7), que uma vacina inativada, com duas doses, obter entre 70 e 80% de eficácia, é um resultado muito bom. “A primeira qualidade da CoronaVac é que ela é pouco reatogênica, ou seja, as reações adversas graves não existem e foram já testadas, não apenas por este estudo que aconteceu no Brasil, mas em mais de 50 mil pessoas na China”, destacou Costa

Confira a entrevista na íntegra:

HORA DO POVO – Como o senhor avalia os dados sobre a eficácia da CoronaVac, anunciados pelo governo de São Paulo nesta quinta-feira (7)?

EDUARDO COSTA – Eu acho que nós temos que comemorar esse resultado da vacina CoronaVac quase como comemoramos um carnaval. Na verdade, a primeira qualidade desta vacina é que ela é pouco reatogênica, ou seja, as reações adversas graves não existem e foram já testadas, não apenas por este estudo que aconteceu no Brasil. A vacina foi aplicada para avaliação da reatogenicidade na China em mais de 50 mil pessoas.

A reação mais comum é dor no local ou então uma dor de cabeça. E isso foi só em 2,5% de todos os vacinados. Isso não ocorre com nenhuma outra vacina agora em análise contra a COVID-19. Nenhuma delas tem uma segurança desse tipo.

Mas, o importante de ressaltar é que isso é normal com as vacinas inativadas. Então, o sucesso não é a nova tecnologia, é a boa tecnologia e a mais segura. No entanto, é comum que essas vacinas não tenham uma eficácia tão elevada quanto outras, especialmente aquelas que chamamos atenuadas de vírus inteiros, que não são de vírus inativados.

Normalmente elas são mais duradouras em termos de imunidade. No entanto, ela [CoronaVac] atingiu um nível que é muito bom. Com essas vacinas é muito bom ter de 70 a 80%. E foi com duas doses, não foi com três, o que é o regime mais usado com as vacinas inativadas.

Na maioria das doenças nós usamos três doses. É só lembrar de difteria, tétano, coqueluche, raiva. Quantas vezes a gente toma vacina da raiva quando se tem um acidente suspeito? Vamos falar mais uma, a gripe, por exemplo, anualmente tem que repetir a vacina.

Então, essas vacinas de vírus inativados são boas. Há muita propaganda sobre outras tecnologicamente mais novas, mas ninguém quer assumir na verdade que elas têm alguns problemas de reações adversas. Começam inclusive a criticar quem teme a vacina, mas não é assim. É diferente de uma atitude negacionista.

As pessoas têm que ser cautelosas porque quem se vacina é uma pessoa sã, não é uma pessoa doente. É uma pessoa sã a quem não se expõe a um risco desnecessário. Nós temos que trabalhar com as vacinas que têm mais reações se não houver ou não for acessível uma vacina mais segura. E aí aplicar essas vacinas que são mais reatogênicas preferentemente em grupos de risco.

Então, nós temos que comemorar muito esta vacina do Butantan. Com esta eficácia, é uma vacina boa para todos! Ela, embora tenha sido testada aqui no Brasil em profissionais de saúde que são adultos, ela é a aceitável para

ser aplicada até em criança, que não é a grande prioridade, em função de que, realmente, o coronavírus tem essa característica de não produzir quase doença em crianças. É muito mais raro.

Então, a primeira coisa é a seguinte: eu vejo com júbilo, com uma alegria mesmo, eu diria, como cientista, que sou, como sanitaria, como epidemiologista. Enfim, hoje é um dia para nós comemorarmos com o que tivemos. Aproveitem, porque a notícia hoje é boa de verdade!

HP – Por que, na sua opinião, a Sinovac, empresa parceira do Instituto Butantan, adiou a divulgação desses dados de eficácia?

EDUARDO COSTA – Muitas pessoas estavam um pouco preocupadas, e até eu também, com o fato de não ter havido a divulgação na data que estava marcada, ou seja, dia 23 de dezembro, dos dados que estavam sob responsabilidade do Butantan. O que aconteceu – e agora nós sabemos melhor – é que, realmente, como o Butantan não é o dono da vacina, ele tem que respeitar um contrato com quem desenvolveu a mesma.

Essa vacina foi desenvolvida na China, no caso particular, pela Sinovac, uma empresa chinesa. Então, ela detém os direitos, não é um direito patrimonial, mas são direitos contratuais de quem desenvolveu o produto. E ela, ao desenvolver a vacina, não o fez só no Brasil. Ela cedeu também para outros países, para que eles fizessem os estudos. E esses estudos não foram todos concluídos.

Vamos chamar a atenção para um fato. Existe um centro independente que analisa esses estudos em todos os detalhes, que fica na Áustria. Os chineses, ou seja, a Sinovac, não queria a divulgação agora. Ela queria lançar em todos os lugares ao mesmo tempo. Assim ela faria um registro na China, que era o natural.

Quando o registro é feito na China, a vacina pode ser usada em todo o mundo, em consequência dos acordos da OMS. Os grandes centros, da União Europeia, dos EUA e da China, valem para todo mundo. Não é o caso do Brasil. A Anvisa não é garantia nos outros países. Uma certificação da China é aceita no mundo inteiro porque ela detém alta tecnologia. Então, eles queriam aguardar para fazer primeiro o registro lá, para poder ser aceito em outros países.

Mas, não ficaram prontos os estudos em outros lugares e eles tentaram protelar os resultados. Eu acho que o Butantan colocou um limite nisso. Alegou que essa estratégia estava atrasando – a Indonésia aparentemente era o país que estava demorando mais para terminar – e nós tínhamos que acelerar porque as pessoas dependiam disso.

Os chineses não tinham tanta pressa porque lá eles



Eduardo Costa, epidemiologista e professor da Fiocruz (Foto: arquivo HP)

*** Esta segurança da CoronaVac “não ocorre com nenhuma outra vacina. Nenhuma delas tem uma segurança desse tipo”**

*** “Esta é uma vacina com esta eficácia, é uma vacina boa para todos”**

*** “Os chineses não tinham tanta pressa porque lá eles conseguiram controlar a pandemia só com as medidas de vigilância epidemiológica, de isolamento seletivo de pessoas, então, eles não têm a pressão que temos aqui”**

*** “O que interessa é que precisamos fazer concomitantemente a vacinação dos grupos com mais risco e dos grupos populacionais mais expostos com o controle dos focos e dos contatos das pessoas que adoecem”**

conseguiram controlar a pandemia só com as medidas de vigilância epidemiológica, de isolamento seletivo de pessoas, então, eles não têm a pressão que temos aqui.

Eu acho que o Butantan agiu corretamente, pressionando para poder divulgar logo os resultados. A divulgação permite agora rapidamente iniciar a produção e distribuir, com os controles de qualidade normais que existem.

Uma coisa que tudo isso nos mostra também é que não precisa ser o maior nem o mais avançado para ser o melhor. O melhor depende muito da seriedade com que se está fazendo as coisas. Este é um ensinamento que temos que extrair de tudo isso.

Os testes foram feitos no Brasil, os resultados são satisfatórios. Uma vacina inativada, com duas doses, obter entre 70 e 80% de eficácia é um resultado muito bom. Claro que não sabemos a duração da imunidade, mas, no entanto, é um tipo de vacina que não vai ter nenhum problema com revacinação. Isto não acontece com as outras.

Há uma questão ligada às vacinas de mRNA, ou seja, aquelas que chamamos de ácido nucleico, que, especialmente, quando são aplicadas em grupos maiores do que nos estudos, que usam 20 a 30 mil pessoas, essas reações mais graves, que são mais raras, vão aparecer numa proporção de um para cem mil, ou coisa parecida. Claro que quando se vai para a população geral, isso é mais grave. Essas vacinas, especialmente a da Pfizer, estão produzindo pelo menos um em cada cem mil casos de reações ditas alérgicas graves.

Isso leva à hospitalização em alguns casos. Nenhuma delas, que se saiba, teve óbito até agora, mas precisaram de atendimento e foram atendi-

das de maneira a evitar que fossem levadas eventualmente à morte. Muito bem, essas vacinas, se hipotetiza, que acontece também com a outra de mRNA, da Moderna, têm um problema que está ligado à tecnologia que utiliza nano partículas. É uma substância, que é capaz de fazer o serviço de transporte e que se chama PEG (polietilenoglicol). Aparentemente ela pode dar uma reação alérgica grave em pessoas já sensibilizadas antes.

Então, se não ocorrer nada de novo, se não aparecerem novas informações, nós temos a vacina ideal. Sabemos que o mundo não é todo aberto, não é um livro aberto, então tudo pode acontecer. Mas eu estou muito satisfeito com esses resultados da CoronaVac. E não aguardo grandes surpresas, ainda que sempre terá limitações, com o detalhamento dos dados a serem publicados.

HP – Como você avalia a segurança e a eficácia da vacina da AstraZeneca, que é baseada na tecnologia de vetor viral não-replicante de adenovírus de chimpanzé?

EDUARDO COSTA – Essa tecnologia, como as de mRNA, também não foi ainda usada na população para outras doenças. A vantagem delas é que a produção do antígeno fica mais fácil. Mas se têm vantagens do ponto de vista produtivo, não quer dizer que tenham vantagem do ponto de vista da aplicação na população. A escolha dos adenovírus seguiram lógicas de compartilhamento antigênico eventual com humanos. Isso levou a Oxford/AstraZeneca escolherem um adenovírus não humano como vetor viral.

Mas segundas doses, como nós estamos vendo com a de Oxford/AstraZeneca, estão produzindo uma reação que teria baixado a proteção. Na

verdade é o contrário do que se esperava. Provavelmente essa é a explicação para os resultados que a comunidade científica internacional questiona. E por isso não ter sido ainda aprovada nem na União Europeia, nem no FDA americano, nem na China, nem em lugar nenhum. Porque ela está com um problema que tem que ser resolvido. Nós não sabemos quantas vezes vai precisar tomar. A vacina da gripe é feita anualmente, por exemplo, então não adianta pensar em restringir a apenas uma aplicação. Politicamente a Agência reguladora da Inglaterra a aprovou emergencialmente, mas não parece ter uma plano mais ousado de uso até agora.

HP – Por que as empresas como a Pfizer e a AstraZeneca fizeram exigências ao país quanto à cobertura nos riscos de ações indenizatórias causadas por possíveis efeitos adversos graves?

EDUARDO COSTA – Isso que eu falei antes, quer dizer que, ao aplicar essa vacina, ainda que sejam as reações adversas relativamente baixas e, com assistência médica consigamos resolver os casos graves, numa segunda dose ela vai ser usada em pessoas que estão sensibilizadas, porque usaram essa vacina na primeira dose. Isso pode aumentar bastante as reações. Nós não sabemos quanto.

O que acontece, portanto, é que esses laboratórios produtores dessas vacinas não querem arcar com as consequências dos processos, mesmo fazendo tudo justificado pela emergência sanitária, com estudos preliminares de três meses. (Isso é diferente da CoronaVac, que tem um estudo completo de seis meses.)

Isso pode levar a processos que são muito custosos quando as vacinas são usadas a nível mundial. Além disso, eles têm problemas de conservação mais difíceis. Não são vacinas que, eu diria, estão absolutamente prontas. Elas eram uma resposta se não tivesse uma outra, mas nós temos isso agora. E com uma taxa que é razoável, muito boa de eficácia. Poderia até ser melhorada com uma terceira dose, sem risco.

Entre as condições que a Pfizer está exigindo, segundo o Ministro da Saúde, uma já tinha no acordo da Fiocruz com a AstraZeneca, relacionada a processos legais decorrentes de danos eventuais causados pelas vacinas.



Para contorná-lo o Ministério [da Saúde] queria que todo mundo que fosse vacinado assinasse, na época, um papel aceitando, dizendo que queria a vacina. Era por esta razão. Eles não queriam ficar com a responsabilidade de, depois, terem que pagar indenizações por acidentes adversos. Estamos vendo as manobras na nossa frente. Não pode ter o negacionismo e nem o voluntarismo irresponsável que interessa aos grandes produtores e não necessariamente é o melhor controle da doença.

Cabeça fria. Pesar bem os dois lados. É claro que, se não tivéssemos outra vacina, como agora ficou muito claro, e ficará talvez bem consolidado depois dos primeiros três meses do uso indiscriminado, era justificável o risco. Por isso, eu acho que uma pérola está na nossa mão que é a vacina do Butantan. É só polir agora e teremos condições de superar esse desafio do Sars-CoV-2.

HP – Na sua opinião, qual deve ser a estratégia de vacinação adotada pelas autoridades brasileiras?

EDUARDO COSTA – No nosso caso, quando temos uma vacina com eficácia boa, ou seja, acima de 70%, ficamos mais tranquilos com as várias estratégias que se pode utilizar. Como a disponibilidade vai ser progressiva, eu continuo achando, apesar dos grupos prioritários já terem sido listados, que a vacina deve ser dirigida aos que precisam mais, que são os mais velhos e com co-morbidades. Isso porque a prioridade deve ser orientada pelo risco. Deve ser para quem tem mais risco. Em seguida para estes que transmitam mais, que estão trabalhando, que estão em atividades essenciais. E depois descendo essa cadeia.

E nós temos que ter também uma tática ágil usando a vigilância epidemiológica e fazendo, às vezes, vacinação mais ampla naqueles locais onde está ocorrendo um surto. Com isso, vamos ter mais controle da transmissão e informações, a partir simplesmente da notificação de casos. A equipe deve investigar, quando chega um caso no hospital, saber de onde vem. Fazer o rastreamento e imunização com a vacina em redor desse foco, nos contatos dele, etc. Como antes já falávamos o que devia ser feito com o isolamento. Muito mais fácil do que só o isolamento.

Foi a experiência da variola que nós fizemos, como eu já comentei aqui mesmo no HP, em que fazíamos um bloqueio chamado de vacinação de anel, ao redor de cada episódio desses e nas casas dos contatos diretos das pessoas. É isso o que o SUS tem que fazer e tem que se aparelhar para isso.

Trabalhar melhor nesse campo para ajudar a controlar a epidemia. Já tem gente que está fazendo, mas não estamos fazendo nacionalmente com estímulo e orientação do Ministério para fazer isso. Está faltando o Ministério ter clareza, e ele não está tendo. O que interessa é que precisamos fazer concomitantemente a vacinação dos grupos com mais risco e dos grupos populacionais mais expostos com o controle dos focos e dos contatos das pessoas que adoecem.

S.C.